



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

**HORA DO CONTO: MOMENTO DE PRAZER OU DE
INTRODUZIR CONTEÚDOS?**

Marluci Bioeu dos Santos

Lajeado, novembro de 2015

Marluci Bioeu dos Santos

HORA DO CONTO: MOMENTO DE PRAZER OU DE INTRODUIZIR CONTEÚDOS?

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TC II), do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Danise Vivian

Lajeado, novembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Sempre acreditei que duas linhas não se cruzam à toa, sempre acreditei que os encontros e desencontros de nossas vidas estavam ali para nos ensinar, para nos fazer perceber o que está ao nosso redor, nos fazer sentir, nos tocar, para que pudéssemos nos encontrar com o nosso “eu interior”. Antes de querermos entender o outro, devemos tentar nos entender, nos sentir, nos tocar, nos encontrar, deixar que a criança que existe dentro de nós permaneça viva.

Ao longo da minha vida acadêmica, tive muitos encontros e desencontros, muitas aprendizagens, ensinamentos e conhecimentos, muitas oportunidades e momentos aos quais sou muito grata. Todos esses encontros e desencontros, fazem-me refletir e agradecer pela oportunidade de poder tê-los vivido.

Ao concluir essa etapa da minha formação, sou grata especialmente...

À minha amada e heroína mamãe, Marleni Bioeu, que não mediu esforços para que eu chegasse até aqui. Que passou noites mal dormidas enquanto eu escrevia e aguentou o meu mau humor dia após dia, sem reclamar (é... quase sempre sem reclamar!).

Ao meu amado pai, José Luciano dos Santos, que partiu cedo demais, deixando uma saudade enorme e um aperto em meu peito. A ele, que sempre me incentivou e acreditou em mim. Obrigada, pai.

À minha querida orientadora, Danise Vivian, obrigada pela parceria, dedicação e paciência. Obrigada por trilhar esse caminho comigo. Você foi, simplesmente, a melhor.

À professora Maristela Juchum, que aceitou ser a minha banca avaliadora. Obrigada, “profe”, por aceitar prontamente ler o meu trabalho, obrigada pelas críticas construtivas, pelas palavras carinhosas e por toda a atenção que me deste.

À minha melhor amiga e comadre, minha parceira de vida, Ana Paula Duarte. Obrigada por entender a minha ausência quase que constante e mesmo assim continuar me amando e se preocupando comigo.

Às minhas grandes amigas, companheiras e parceiras com as quais a Pedagogia me presenteou, Bruna Schäffer Moraes e Tamara Cristina Luersen. Obrigada por tornarem tudo mais especial, mais leve, mais divertido. Não sei o que teria sido de mim sem vocês ao meu lado!

À oportunidade de ser “pibidiana”, o que foi de uma importância gigantesca na minha formação, por todo o compartilhamento de experiência, pesquisa, dúvida e alegrias. Não tenho palavras para agradecer aos meus colegas de grupo, Adriana Conte Feil, Emanueli Luisa Johann, Magali Dentee, Mateus Lorenzon e Tamara Luersen. Obrigada por tudo, em especial pela amizade e o carinho de vocês!

À direção, professores, alunos e funcionários da Escola parceira desta pesquisa, em especial à professora Cláudia Terres Ferreira, obrigada por ser o meu “objeto de pesquisa”, como carinhosamente lhe chamava. Obrigada pela parceria, paciência e toda a troca de experiência e aprendizagem. Obrigada por me deixar fazer parte do seu “espetáculo”.

A todos os professores da Univates, em especial à Fabiane Olegário que me guiou pelas curvas do saber e nunca desistiu de mim. Obrigada!

Gratidão!

*“Um livro
é uma beleza,
é caixa mágica
só de surpresa.*

*Um livro
parece mudo,
mas nele a gente
descobre tudo.*

*Um livro
tem asas
longas e leves
que, de repente,
levam a gente
longe, longe.*

*Um livro
é parque de diversões
cheio de sonhos coloridos,
cheio de doces sortidos,
cheio de luzes e balões.*

*Um livro
é uma floresta
com folhas e flores
e bicos e cores.*

*É mesmo uma festa,
um baú de feiticeiro,
um navio pirata do mar,
um foguete perdido no ar,
é amigo e companheiro”.*

(Caixa Mágica de Surpresa – Elias José)

RESUMO

Era uma vez... Ah, ouvir histórias! Quem não gosta? Poder ter contato com o livro e com histórias desde cedo é de fundamental importância na vida da criança. Ouvir histórias é uma maneira gostosa de viajarmos para o mundo da imaginação. Tendo em vista que a hora do conto é uma prática pedagógica muitas vezes usada pelo professor em sala de aula, este estudo tem como foco compreender e analisar quais são as representações (percepções) que os professores e os alunos têm sobre a prática da Hora do Conto no contexto escolar. Diante disso, foi preciso entender o conceito de hora do conto na perspectiva de diversos autores, dentre eles, Abramovich e Sisto. Além disso, foi preciso compreender como as práticas da hora do conto são vistas pelos diferentes atores desta pesquisa. Compreender a história da tradição oral e como o professor se vale da prática da Hora do Conto foi fundamental para a realização deste estudo. A presente pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, com abordagem quanti-qualitativa, sendo que a análise dos dados se deu através da elaboração de categorias de análise tendo em vista os objetivos propostos para a pesquisa. E, para compreender quais são as representações (percepções) que os professores e os alunos têm sobre a prática da Hora do Conto no contexto escolar, bem como para investigar como os professores fazem uso dela na sala de aula, a geração de dados ocorreu através de três instrumentos, sendo eles: entrevista com a professora titular da turma da pré-escola e seus alunos, questionário com professores de Ensino Fundamental da escola investigada e observações de aula de uma turma de pré-escola com o apoio de um diário de campo. A partir da análise dos dados coletados, cabe destacar que, diante das representações que os professores fazem frente às práticas da hora do conto no contexto escolar, destaca-se o uso do livro infantil nos dois momentos, tanto para introduzir conteúdo, quanto como um momento de prazer. Por fim, foi possível concluir que, se trabalhados com equilíbrio os dois momentos, as crianças acabam se tornando privilegiadas por ouvirem boas histórias.

Palavras-chave: Hora do Conto; Literatura Infantil; Histórias Infantis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - É importante ler histórias.....	28
Figura 2 - Era uma vez.....	40
Figura 3 - Imaginação.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Opinião dos professores em relação ao interesse das crianças na escolha da história a ser contada.....	43
Gráfico 2 - Preparação para a contação de história.....	46
Gráfico 3 - As práticas da hora do conto nas escolas.....	50
Gráfico 4 - A contação de histórias na sala de aula.....	51
Gráfico 5 - O incentivo aos alunos a ouvirem histórias por deleite.....	51
Gráfico 6 - O trabalho das histórias no processo de escolarização.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 HORA DO CONTO.....	13
2.1 Para começar essa história, um pouco da minha própria história: proximidades com a hora do conto.....	13
2.2 Hora do conto: da tradição oral para as obras de literatura infantil	15
2.3 Dois mundos: a relação do livro infantil e o conceito de infância	19
2.4 Perspectiva histórica dos processos de institucionalização da educação.....	24
3 DIFERENTES OLHARES SOBRA A HORA DO CONTO	288
3.1 O lado bom de se ouvir histórias.....	322
4 METODOLOGIA	355
5 PREPARANDO UM ESPETÁCULO	4040
6 OLHARES DOS DIFERENTES ATORES DESTA PESQUISA SOBRE A HORA DO CONTO	49
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	554
REFERÊNCIAS.....	587
APÊNDICES	610

1 INTRODUÇÃO

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

A contação de história nas escolas vem sendo trabalhada quase que cotidianamente, atribuindo a ela o incentivo à imaginação e à leitura. Como será que essas histórias vêm sendo trabalhadas pelas professoras e sendo vistas pelos alunos? Será que esse momento de ouvir histórias é um momento de prazer para as crianças ou, na visão do professor, é uma forma de introduzir conteúdo? Abramovich (1995) afirma que por trás dos livros há uma possibilidade de descobrir o mundo. É por meio dos livros que a imaginação das crianças vai muito além das páginas lidas e atravessa a sua subjetividade.

Durante a minha vida acadêmica, sempre me preocupei com qual seria o assunto do tão esperado Trabalho de Conclusão de Curso. Quando chegou o momento de sentar com a coordenadora do curso e tomar a decisão de me matricular para realizar este trabalho, fiquei insegura. Como eu iria passar um semestre inteiro falando sobre um determinado assunto se nem ao menos fazia ideia de sobre o que queria escrever?

Tentava relembrar as aulas que tive durante todos esses anos para focar-me em um assunto no qual tivesse mais curiosidade, que me gerasse provocações.

Porém, tudo o que passava pela minha cabeça não parecia ser o certo. Não me passava a segurança de que aquele seria o tema “escolhido”.

Tive tantas dúvidas, que por um breve momento me senti perdida, sem saber sobre o que falar. Até que em “um belo dia”, resolvi fazer algumas arrumações nos meus cadernos e encontrei meus trabalhos sobre Hora do Conto, desenvolvidos para a disciplina Literatura Infanto-Juvenil. No mesmo instante senti um “*clic*”! Percebi que era sobre esse mundo encantador que eu gostaria de estudar e de compartilhar minhas ideias.

Ao longo da minha formação, foram sendo realizados trabalhos, leituras e pesquisas que se tornaram imprescindíveis para a realização deste trabalho. Porém, a inquietação maior ocorreu ao realizar o Estágio do Ensino Médio, quando observei as aulas do 3º ano do Curso Normal, em uma escola estadual do município de Lajeado/RS, por acaso a mesma escola onde iniciei o Curso Normal. Minha surpresa foi maior quando, conversando com as alunas, percebi que elas não tinham conhecimento sobre como preparar uma hora do conto e que tinham o pensamento de que a hora do conto era “*usada para introduzir conteúdos*”¹.

Após leituras realizadas e práticas aplicadas com as alunas do Curso Normal, meu interesse por esse assunto foi crescendo gradativamente. Entre conversas realizadas com a professora orientadora do nosso estágio, com as alunas do Curso Normal e as leituras de como fazer uma hora do conto significativa para as crianças, percebia o interesse pelo assunto aumentar por parte da turma, e por minha parte também.

O meu interesse pelo assunto foi tanto que nas disciplinas dos semestres que se seguiram, sempre que eu encontrava uma oportunidade para falar da hora do conto não a deixava passar. Ao longo da minha formação, pós-estágio do Ensino Médio, fiz três disciplinas sobre linguagem e em todas encontrava um meio para falar sobre leitura e hora do conto.

Toda vez que passava na biblioteca para retirar algum livro para a realização de trabalhos, acabava sempre pegando pelo menos um livro que falasse sobre Hora do Conto. Foi assim, também, que começaram as minhas aquisições. Passava

¹ Depoimento informal de uma aluna que cursava o Normal na ocasião do desenvolvimento do meu estágio supervisionado do Ensino Médio.

enfrente a uma livraria e logo entrava para ver quais livros eu iria encontrar que falassem sobre o assunto.

Em meio às leituras para artigos acadêmicos, uma autora em especial me encantou, Fanny Abramovich (1995). Abramovich traz em seus livros um encantamento que prende o leitor, fazendo-nos assim, buscarmos por mais, querermos mais, mostrando-nos um mundo realmente encantado por trás de todas as histórias.

Essa autora e tantos outros (CADEMARTORI, 1986; COELHO, 1999; GIORDANO, 2013; SISTO, 2012; ZILBERMAN, 1985) fizeram com que o meu interesse por explorar essas minhas inquietações aumentasse a cada novo livro, a cada nova história. A cada Hora do Conto que eu preparava para os meus alunos eu me perguntava: será que estou fazendo isso certo? O que eu poderia fazer diferente?

Diante da minha trajetória na vida acadêmica e a cada novo texto que eu lia para a minha formação, a cada passo dado, a cada livro lido, a cada hora do conto presenciada, acabou por aumentar a minha vontade de ir em busca e escrever sobre as práticas da hora do conto no contexto escolar. Na expectativa de conseguir compreender um pouco desse mundo da hora do conto, convido os leitores a contemplarem o caminho deste projeto de pesquisa.

Partindo do pressuposto de que a hora do conto é um momento de prazer, toda criança deveria ler e reler bons livros e não apenas ver e utilizar o livro como material didático.

O termo “hora do conto” deixa alguns pontos de interrogação. Quando devemos praticar a hora do conto? Como devemos nos apropriar da hora do conto? O que devemos fazer após a hora do conto? Devemos introduzir conteúdo? Devemos contar uma história e deixá-la esquecida em algum canto da sala ou devemos recontar mais vezes a mesma história para que as crianças tenham várias percepções e sentimentos ao ouvirem-na repetidamente? Todavia, a questão que mais me instigava dentre as já apresentadas e que configura o problema central desta pesquisa é:

Quais são as representações (percepções) que os professores e os alunos têm sobre a prática da Hora do Conto no contexto escolar?

Diante disso, destaca-se que este trabalho, com a temática da hora do conto, apresenta como objetivo principal compreender e analisar quais são as representações (percepções) que os professores e os alunos têm sobre a prática da Hora do Conto no contexto escolar.

Para conseguir responder ao problema desta pesquisa, foram elaborados alguns objetivos específicos que auxiliaram nesta busca como: (a) investigar como os professores fazem uso da hora do conto na sala de aula; (b) analisar como os diferentes atores desta pesquisa (professores e alunos) narram o momento da hora do conto no ambiente escolar; (c) identificar as representações que os atores desta pesquisa fazem sobre a prática da hora do conto no contexto escolar.

Ao longo do trabalho, procurou-se construir alguns percursos teóricos que auxiliassem a investigar o problema proposto. Foram feitas algumas relações entre a tradição oral, como a escola se apropriou da hora do conto, a concepção da infância em relação à hora do conto, a institucionalização da educação e os diferentes olhares sobre a hora do conto, buscando compreender como ocorre a contação de histórias no contexto escolar. Para tanto, na sequência desta introdução, explica-se como foi elaborado cada um dos capítulos deste estudo.

A hora do conto, como será descrita no capítulo dois, é uma arte milenar de contar histórias, passada de geração para geração oralmente. Era a partir da tradição oral que os pais e os avós transmitiam seus conhecimentos, seus costumes, suas tradições. Nesse capítulo, apresenta-se a proximidade da autora deste estudo com a hora do conto e as suas lembranças de quando ainda era criança. Nessa seção é apresentado, ainda, a relação entre as histórias infantis, o conceito de infância e como a criança era vista antigamente, trazendo as reflexões de Àries (2012). Para encerrar o capítulo, busca-se realizar uma contextualização histórica da escola até o momento atual, apresentando a história da educação brasileira e o fator marcante da Constituição, na qual ficou registrada que a educação é um direito de todos. Nesse capítulo, apresenta-se o fato de que o uso do livro infantil, além de literário, se tornou importante ferramenta pedagógica, concretizando-se quando a sociedade brasileira estava em processo de urbanização.

O capítulo três apresenta as diferentes percepções que se pode ter sobre a hora do conto e os seus encantamentos, discutindo a confusão que os professores fazem com os livros infantis, usando muitas vezes apenas como um recurso didático. Apresenta-se, aqui, a importância de se contar/ler histórias para as crianças e o quanto é significativo para elas que o contador se apaixone pela história a ser narrada.

Para que os objetivos desta pesquisa fossem atingidos, foi necessária a inserção da pesquisadora no contexto escolar. Por isso, para a geração de dados foram utilizados diferentes instrumentos metodológicos, tais como observações realizadas em sala de aula e observações da contadora de histórias e de quem a estava ouvindo, em uma turma de 2º ano de uma escola municipal de Ensino Fundamental do Vale do Taquari/RS. A geração de dados para este trabalho ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com a professora titular da pré-escola e com os alunos dessa mesma turma, bem como através da aplicação de questionários para dez professores dos anos iniciais, desta mesma escola parceira. A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso, com abordagem quanti-qualitativa. Essas e outras informações referentes aos procedimentos utilizados para geração e análise dos dados encontram-se no capítulo quatro.

A fim de compreender como ocorrem as práticas da hora do conto no contexto escolar, os capítulos cinco e seis são destinados à análise dos dados obtidos ao longo da pesquisa. No capítulo cinco, discute-se sobre as práticas da hora do conto e sobre como elas estavam sendo exploradas no contexto escolar investigado. Já o capítulo seis destina-se a analisar como os diferentes atores desta pesquisa (professores e alunos) narram o momento da hora do conto no ambiente escolar.

Por fim, no capítulo sete tecem-se as considerações finais deste trabalho, fazendo menção às reflexões e aos estudos teóricos realizados ao longo desta pesquisa. Nas considerações finais, estabelecem-se algumas relações encontradas ao longo das análises realizadas, destacando alguns sentidos encontrados para a contação de histórias no espaço escolar.

Na perspectiva de compreender como ocorre a contação de histórias no contexto escolar, convido os leitores para apreciarem o caminho que percorrido ao longo da pesquisa.

2 HORA DO CONTO

Refletir sobre a hora do conto faz repensar nossas práticas e analisar como estamos trabalhando com as histórias infantis dentro da sala de aula. Neste capítulo, apresento um pouco das minhas lembranças e vivências de infância em relação a histórias infantis e hora do conto. Junto a isso, busco mostrar como as histórias surgiram a partir da tradição oral e, em seguida, a visão de dois mundos: a relação dos livros infantis com o conceito de infância. Para finalizar o capítulo, apresento a relação da tradição oral com os livros e a escola.

2.1 Para começar essa história, um pouco da minha própria história: proximidades com a hora do conto

Nunca fui uma daquelas crianças que ouvia histórias antes de dormir. Minha mãe sempre conta que “eu não tinha tempo a perder, precisava brincar até cair em sono profundo”. Sabe, ela bem que tentou. Lembro-me vagamente de algumas histórias que ela inventava para ver se “eu parava quieta”, mas realmente minhas *barbies*, as minhas bonecas, naquele momento, eram bem mais importantes para mim.

Ainda não sei como o meu interesse pelos livros aconteceu, só sei que, quando “me dei por conta”, havia em meu quarto uma estante cheia deles. Livros infantis, romances, espíritos, livros de psicologia, de autoajuda e agora, para

contribuir ainda mais, há os livros sobre a importância da leitura e sobre a hora do conto.

Ao conversar com minha avó, minha mãe, tia e dindo sobre como era a contação de histórias no tempo deles, como se dava a tradição oral, o que eles me contaram é muito triste. Minha avó contou que, quando ela era criança, não tinha tempo para brincar, ou para perder com coisas de crianças, pois precisava ajudar na plantação e na organização da casa de sua família. O mesmo aconteceu com minha mãe, que desde muito nova trabalhou na roça e em casas de família cuidando de crianças. Ela me contou que, na escola, a única coisa da qual se lembra é dos castigos que eram aplicados.

Porém, mesmo não tendo sido incentivada quando criança, minha mãe resolveu fazer a diferença, talvez uma pequena mudança, na vida das duas crianças que ela cuidava. Ela começou, aos poucos, a contar história para elas, primeiro inventadas, antes de dormirem, e depois utilizando livros infantis e gibis da Turma da Mônica.

Sempre acreditei que para despertar a imaginação é preciso ouvir histórias desde pequeno, ouvir boas histórias, histórias que façam a criança viajar pelo mundo do faz de conta. Histórias de super-heróis, duendes, bruxas, fadas, reis e rainhas, príncipes e princesas, animais falantes, bonecos que viram gente, coisas do outro mundo e até desse nosso mundão mesmo. Histórias contadas com aquele jeitinho de quem vivenciou tudo aquilo, histórias contadas com a emoção de quem sabe o que diz. Histórias criadas para crianças que querem ser encantadas e fascinadas, histórias criadas para crianças serem levadas ao mundo da imaginação.

Segundo Giordano:

O gostoso mesmo é resgatar as possibilidades que as histórias oferecem: educar, ensinar, formar, brincar, encantar, fantasiar, criar, sorrir. As histórias brincam com o narrador e com os ouvintes, brincam e criam ao dizer e desdizer; os contos deixam no ar coisas, muitas vezes, indizíveis, que só os olhos da imaginação sabem traduzir. (GIORDANO, 2013, p. 43 - 44).

Queria ter vivido naquele tempo em que os mais velhos contavam suas histórias para os seus descendentes. Que os netos sentavam ao redor dos seus avós para ouvir aquelas sábias palavras, aquelas palavras de conforto, aqueles

conselhos que recebiam sem nem ao menos saber que eram conselhos. Será que em alguma família desse mundo afora esses momentos de conversas em rodas ainda são realizados?

Para muitas crianças, o momento mais aguardado do dia é quando a noite chega e eles vão para a cama. Esse momento, para muitos, faz parte de um ritual sagrado. É um momento onde encontram-se com seus heróis através da imaginação de seus pais e também da sua própria imaginação. Mas, infelizmente, hoje em dia o tempo está cada vez mais curto e esses momentos cada vez mais raros.

Apesar de todas essas condições não favoráveis, é importante que não se desista desses momentos únicos com nossas crianças, pois é a partir dele que alimentamos a nossa imaginação. Segundo Abramovich (1995), contar histórias para as crianças é também “suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões [...]” (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

Os livros não devem ser deixados de lado, porque além de se contar histórias para as crianças é muito importante lê-las. A parte mais legal em se contar histórias é fazer com que elas usem de toda a imaginação possível para contar, inventar, criar uma bela história, usando como recurso apenas a imaginação, a oralidade e o olho no olho, não tendo barreiras entre o narrador e o ouvinte, fazendo com que esse momento entre contador e ouvinte se tornasse único, especial para cada um que estivesse encantando-se com o prazer de ouvir boas histórias. Sendo assim, a próxima seção discutirá a origem da literatura infantil desde a tradição oral e como ela começou a ser apresentada para as crianças.

2.2 Hora do conto: da tradição oral para as obras de literatura infantil

Antes mesmo de entrarmos no assunto da literatura infantil, é necessário, que possamos falar sobre as origens da literatura e como ela passou a ser criada para o público infantil, como aconteciam as primeiras narrativas e os recursos utilizados para contar histórias a esse público.

Conforme Coelho (2000), desde a pré-história o homem vem procurando deixar a sua marca registrada para se fazer presente no mundo através de uma determinada

forma escrita. Foram vários os suportes físicos usados pelos homens para tal finalidade: pedras, tabuinhas de argila, peles de animais, o córtex das árvores, junco, chifres, materiais naturais extraídos da natureza e com o auxílio do buril². Pode-se perceber que foi a partir dessa escrita rudimentar, realizada por desenhos, que os suportes físicos foram evoluindo até chegarmos ao nosso sistema de escrita atual.

Todas essas formas de narrar nasceram entre os povos da antiguidade, que fundidas, confundidas, transformadas, se espalharam por toda a parte e permanecem até hoje circulando em nossa sociedade. Nossos ancestrais transmitiam suas histórias, seus rituais, seus conhecimentos sobre o mundo natural e sobrenatural, sobre os mitos, sobre as experiências adquiridas pelos povos através dos tempos por meio da tradição oral.

Giordano (2013) comenta que “[...] o conto da tradição de transmissão oral é a forma primitiva da arte de dizer. A tradição perpetuou essas narrativas como uma forma de ensinamentos transmitidos oralmente. Sua idade perde-se na poeira dos tempos [...]” (GIORDANO, 2013, p.27).

Era através da tradição oral que os filhos, netos, vizinhos, passavam grande parte do seu tempo, sentados e apreciando as histórias. É através destes momentos entre “pai e filho” que o adulto acaba estimulando e desenvolvendo a oralidade da criança. Porque será que as histórias são tão fascinantes para as crianças?

Para os adultos que apreciam contar histórias para as suas crianças, esse também é um meio de reviver histórias e de procurar na memória contos que seus antepassados lhes contavam, revivendo assim, a sua própria infância. Conforme Fonseca (2012, p.21) “[...] desde os tempos mais remotos a humanidade sentiu a necessidade de narrar os fatos ocorridos no seu dia a dia e de narrar também os acontecimentos que ainda não compreendia”.

Muito antes da criação da escrita, todo o conhecimento dos mais velhos era transmitido aos mais novos, às futuras gerações, oralmente, sendo a memória o único recurso usado no processo de armazenamento de informações. Fonseca (2012, p.21) fala que “[...] ainda é assim, narramos para não termos medo da

²Instrumento de ponta de aço para trabalhos de gravura e talha. Arte, modo de gravar.

violência, dos desafios, dos mistérios, dos ciclos de desenvolvimento da vida, das partidas, dos novos encontros, [...]”.

A transmissão oral é passada de geração para geração e esta foi uma das maneiras que as comunidades encontraram para ensinar aos mais novos os saberes, valores e crenças que acreditavam ser importantes tanto para o convívio em grupo, quanto individual, pois não possuíam ainda o sistema de escrita. Fonseca (2012) afirma que as histórias, antes mesmo de estarem presentes nos livros, um dia já foram entoadas, cantadas, dançadas e declamadas, por isso precisamos tanto delas, pois narram o que é o ser humano.

Segundo Giordano (2013), a tradição oral é considerada uma prática milenar, transmitida da boca para os ouvidos, conhecidos como “conto de boca”. Os contos por transmissão oral faziam parte do folclore de vários povos e comunidades antes mesmo da escrita. Era por meio dessa tradição oral que se podia entender a realidade do seu povo, sua economia, seus costumes e suas crenças. Era através da oralidade que era explicada a vida social das comunidades primitivas, passado – presente – futuro.

Silva (2011) afirma que o contador de histórias acabou se tornando o centro das atenções da população pelo prazer que narrar histórias proporcionava para quem estava ouvindo. A contação de histórias, a princípio, servia para que o homem pudesse fazer relatos das suas experiências e conforme o apreço por essa prática foi aumentando, passou-se a perceber que se poderia ter recompensas contando histórias.

Algumas pessoas desconhecem a importância de ouvir histórias, Abramovich (1995) discorre da função da literatura a autora afirma que é através das histórias, seja lendo ou ouvindo-as, que superamos medos, ansiedades, conflitos, aprendemos a resolver problemas, controlar os impulsos, a esperar pelo nosso momento.

As obras de literatura infantil proporcionam ao leitor maturidade, maior interação social e construção da sua própria realidade. Aguiar (2001), afirma que foram as circunstâncias, durante o século XVIII (como o crescimento da capacidade econômica, a ascensão da burguesia), que provocaram o aparecimento da literatura

infantil e assim, passou-se a investir mais na educação como uma forma de preparar o indivíduo para a vida adulta.

Nessas circunstâncias, é importante considerarmos dois momentos únicos para a ascensão da literatura infantil: o momento do conto folclórico e o momento da adaptação pedagógica. Para Cademartori (1986, p. 40) esses dois momentos foram importantes. “[...] o momento do conto folclórico, sem endereçamento a infância, circulando entre adultos, e, mais tarde a adaptação pedagógica com direcionamento à criança”.

Segundo Aguiar (2001, p. 31) “[...] na década de 80, quando a abertura política já estava em andamento, a escolarização espalhou-se pelo Brasil, e a cultura letrada atingiu um público maior, apoiada pelos meios de comunicação”. Nesse momento, ocorreram muitas publicações e produções de livros infantis, tornando-se os livros mais apropriados para a leitura das crianças, dando ênfase a temas da realidade delas e aos contos de fadas, por exemplo.

De acordo com Schneid (2008 p. 2) “[...] não se sabe precisar quando esse costume de contar histórias se institui como prática social, porém, pode-se afirmar que é bem antigo e de ordem universal”. A arte de contar histórias como prática social se manifesta através das fantasias e do mundo fictício, sendo assim, as histórias oferecem ao leitor um padrão para poder interpretá-lo.

Devido ao seu aspecto lúdico, a arte de contar histórias ganhou uma visibilidade maior no processo educativo. Conforme Schneid (2008):

Contar histórias passou a ser compreendido como uma possibilidade bastante rica de estratégia alternativa para se obter subsídios no redimensionamento dos trabalhos com crianças, estabelecendo linhas muito mais positivas na ação educativa, ajudando a desmistificar a relação leitor e livro e proporcionando momentos agradáveis de prazer e alegria no contato com o mundo mágico da literatura oral (SCHNEID, 2008, p. 1).

Acreditando no quanto é importante este momento de contação de histórias para o desenvolvimento das crianças pensa-se que devemos motivá-las mais a ouvir histórias, devemos pensar em quais momentos e como estamos lidando com a contação. Como estamos fazendo o uso da hora do conto no contexto escolar? Esses momentos de contação de história têm significado para a criança e para o

professor? São questionamentos importantes que devemos fazer antes de contarmos uma história.

Será que “qualquer pessoa” sabe contar uma história? Será que qualquer um consegue pegar um livro e lê-lo para uma criança? Consegue inventar uma história para contar? Dizem que para se contar uma boa história ela precisa ser contada com amor, vir do coração.

Como foi possível verificar, a arte de contar histórias acontece muito antes da “invenção” dos livros e do próprio processo de escolarização. Paço (2009) afirma que “a literatura infantil desde a origem sempre foi ligada à diversão ou ao aprendizado das crianças, acreditava-se que seu conteúdo deveria ser adequado ao nível da compreensão e interesse desse peculiar destinatário.” Justamente por isso, na seção abaixo tenta-se apresentar a relação entre o livro infantil e o conceito de infância.

2.3 Dois mundos: a relação do livro infantil e o conceito de infância

Antigamente, como verificado na última seção, as histórias eram contadas a partir da tradição oral. Com a criação dos livros, os adultos fizeram uso deles para ler e contar histórias, porém, os livros ainda não eram designados totalmente às crianças. Conforme Paço (2009) “[...] como a criança era vista como um adulto em miniatura, os primeiros textos infantis resultaram de adaptações ou da minimização de textos escritos para os adultos”.

Em sua essência, as histórias que eram contadas, não eram destinadas ao público infantil, pois eram cheias de tramas que contavam o destino dos homens, de adultério, mortes e tantas outras coisas que permeiam a realidade dos adultos. De acordo com Coelho (1999), se seguirmos o percurso da origem da literatura que era destinada ao público adulto não podemos perceber em qual momento exato a literatura se transformou em histórias para crianças.

Conforme Cademartori (1986), a literatura infantil se dividiu em dois momentos importantes: a escrita e a lendária. O momento da escrita se deu quando das histórias contadas oralmente surgiram os livros infantis, ao passo que a lendária nasceu da necessidade das mães de se comunicarem com os seus próprios filhos e da importância de lhes contar sobre as coisas que lhes rodeavam, contar o que

aconteciam no seu cotidiano. Essas histórias eram apenas transmitidas oralmente e não registradas por escrito, como visto na seção anterior.

Conforme estudos realizados por Ariès (2012), até por volta do século XIV, não se diferenciavam as crianças dos adultos. As crianças eram vistas como mini adultos e participavam desde a mais tenra idade da vida adulta. Nesse momento também não existia nada que pudesse ser chamado de literatura infantil ou escrita para as crianças, não havendo livros, nem histórias específicas para elas.

De acordo com Corazza (2002), antes da condição de infância surgir as crianças eram reconhecidas como “*gentes pequenas*” e seu significado não era de grande importância para os adultos. Ninguém prestava atenção nos pequenos, eles eram considerados “fantasmas”, até que, em um determinado período da história, as “*gentes grandes*” inventaram um novo indivíduo, um novo corpo para existir em um novo mundo, que seria só deles, um mundo autônomo e específico, em um período que também estava sendo inventado, a Modernidade. Esse corpo que acabara de ser inventado não poderia ser de qualquer jeito, deveria ser um corpo dócil e útil.

Postman (1994) afirma que no mundo medieval não havia nenhuma concepção do desenvolvimento da infância, nenhuma concepção de escolarização como uma preparação para o mundo adulto. Uma das razões pelas quais não existia o conceito de infância no mundo medieval era pela falta de alfabetização, do conceito de educação, e, juntamente com isso, a elevada taxa de mortalidade infantil.

Segundo Zilberman (1985), na Idade Moderna, a aproximação existente entre a instituição e o gênero literário não era acidental, “sintoma disto é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professoras, com marcante intuito educativo” (ZILBERMAN, 1985, p. 13).

Segundo Canton (1994), as histórias começaram a ganhar forma na Europa, tornando-se muito populares no século XVII, com os contos populares de Charles Perrault. Charles Perrault, que escreveu grandes sucessos, como Cinderela e Chapeuzinho Vermelho, foi um dos primeiros autores a trabalhar com histórias específicas para crianças. Cademartori (1986) aponta questões referentes à obra de Charles Perrault, que permitem vê-lo como o iniciador da literatura infantil.

Conforme Aguiar (2001), a produção da literatura infantil brasileira começou a trilhar o seu próprio caminho no final da década de 60. No início dos anos 60, a

revolução militar acabou por reprimir a sociedade e, diante de tanta repressão, inúmeros escritores da literatura infantil acabaram por recorrer à linguagem figurada para poderem exprimir aquilo que não era permitido devido ao contexto político-social. Foi diante desses fatos que surgiram obras de grande criatividade no uso das metáforas e símbolos, algumas delas, inclusive, indo por caminhos opostos aos das propostas pedagógicas e que não serviam a textos literariamente adequados para crianças.

A partir dos anos 70, o livro tornou-se privilegiado e as crianças passaram a serem vistas como consumidoras em potencial, o que acabou por impulsionar as publicações dos livros infantis (AGUIAR, 2001). De acordo com Silva (2011, p. 13) “[...] após os anos 1970 se reproduz na literatura um Brasil moderno com representações mais críticas da realidade social”.

Logo, com esses avanços, a literatura se tornou mais contemporânea e, conseqüentemente, de fácil compreensão para as crianças, acompanhada, também, pela mudança de noção de infância, já que se estava criando uma imagem nova para a criança (SILVA, 2011). “Assim aparecem vozes que ressaltam a representação da infância, tornam-se mais frequentes histórias narradas em primeira pessoa, que assume o ponto de vista das crianças” (SILVA, 2011, p. 14).

Devido a essas mudanças ocorridas no ensino, a atenção para a educação básica aumentou e as ações pedagógicas junto às crianças acabaram privilegiando os livros infantis, sendo considerados “[...] como elemento imprescindível ao crescimento intelectual e à afirmação cultural” (CADEMARTORI, 1986, p. 14).

Para Cademartori (1986), foi na década de 80, que o Brasil teve a explosão na literatura infantil, que acabou sendo manifestada através de vendas sem precedentes de livros infantis, crescendo, assim, o desenvolvimento de grupos voltados ao incentivo da leitura infantil.

De acordo com Aguiar (2001, p. 31), foi “na década de 80, quando a abertura política já estava em andamento, que a escolarização se espalhou pelo país, e a cultura letrada atingiu um público maior, apoiada pelos meios de comunicação”. Aguiar (2001) afirma que nesse momento houve uma explosão de publicações e as produções de livros infantis se tornaram mais especializadas, dando ênfase ao dia a dia das crianças, aos contos de fadas e também, em alguns momentos, dando

ênfase às denúncias sociais. Conforme Aguiar (2001), foi nessa ocasião que os livros se tornaram um bem de consumo, presos a diversas novidades, o que acabou enfraquecendo a sua qualidade.

Conforme Cunha (1999), a literatura infantil no Brasil teve início com obras pedagógicas e foi só ao final do século XIX que se deu o aparecimento dos primeiros livros para crianças, escritos e publicados por brasileiros. É com Monteiro Lobato, porém, que teve início a verdadeira literatura infantil brasileira.

Abordando especificamente a realidade do Brasil, a literatura infantil, iniciou-se, com o renomado autor do *“Sítio do Picapau Amarelo”*, Monteiro Lobato. Cademartori (1986) afirma que “[...] por muito tempo, a literatura infantil brasileira vivesse à sombra de seu nome” (CADEMARTORI, 1986, p. 43).

No período de transição entre os séculos XIX e XX, Monteiro Lobato e Tales de Andrade começaram a fazer sucesso escrevendo livros infantis e as editoras começaram a prestigiar o gênero literário para crianças. Mesmo com o apoio das editoras, a autonomia da literatura infantil ainda continuava sem legitimação artística, os livros que eram voltados para as escolas faziam com que a criatividade e a fantasia fossem indiretamente disciplinadoras e, dessa forma, o Estado poderia controlar, de certa maneira, a publicação dos livros infantis (SILVA, 2011).

Aguiar (2001) apresenta quatro etapas da caminhada do livro para as crianças no Brasil.

Resumindo, podemos considerar quatro etapas na caminhada do livro para a criança no Brasil: a primeira vai da última década do século XIX aos anos 20 e diz respeito às primeiras manifestações dessa literatura, ainda moldada nos padrões portugueses e europeus em geral; a segunda é inaugurada com a obra de Lobato, em 1921 e estende-se até meados da década de 40, período em que esse autor domina o cenário das produções infantis; a seguinte começa no final dos anos 40 (Lobato morre em 1948) e perdura até quase 1970, com textos criados à luz do modelo lobatiano sem, contudo, recuperar, como o original, a diversidade de culturas e linguagem do país e exercer a capacidade de crítica e inventividade; por último, uma quarta etapa inaugura-se nos começos da década de 70, renovando os textos para a criança através da reescritura dos contos de fadas, da criação de obras que polemizam a realidade social e o cotidiano infantil, da construção de personagens com profundidade psicológica e da apropriação dos elementos da cultura de massa, quer estruturais (histórias policiais e de ficção científica), quer formais (linguagem apelativa, recursos visuais, etc.). O final do século vê essas tendências acentuadas, ao lado de uma extensa produção de livros destinados a todas as áreas do conhecimento que se escrevem de acordo com os parâmetros ditados pela literatura infantil (AGUIAR, 2001, p. 33 – 34).

O que se pode observar é que, durante todo o percurso da produção literária para a criança no Brasil, os livros sofreram com o pedagogismo, as propostas emancipatórias e a liberdade expressiva (AGUIAR, 2001).

Depois desse resgate histórico, muitas reflexões passaram a me acompanhar: Quando as escolas, as professoras, começaram a contar histórias para os seus alunos? Porque contar histórias para as crianças? O que levou os professores a buscarem por histórias infantis para se trabalhar na sala de aula? Como iniciou a hora do conto nas escolas? E hoje? Qual é a proposta de se fazer hora do conto? Como a escola se apropriou do uso da hora do conto?

De acordo com Zilberman, “[...] o contato com a literatura infantil se faz inicialmente através de seu ângulo sonoro: a criança ouve histórias narradas por adultos, podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos na ilustração”. São as ilustrações nos livros infantis que introduzem a criança no mundo letrado, é a partir dessas imagens e da história contada pelo adulto que a criança começa a mudar a sua condição e dá início aos códigos da leitura (ZILBERMAN, 1985, p. 65).

Segundo Coelho (1991), a literatura infantil é como arte, como um fenômeno de criatividade, das representações do mundo, do homem, da vida, através das palavras escritas. É por meio das histórias que as experiências humanas são contadas e também “enfeitadas”. Por detrás delas há sempre muita diversão e aprendizagem em um mundo maravilhoso e cheio de descobertas.

A literatura infantil é um mundo cheio de fantasias que envolvem as crianças e as conduzem para uma realidade criada apenas para elas. Como é bom saber que quando as histórias são bem contadas podemos levar as crianças a um mundo cheio de fantasias, fazendo com que elas percam os seus medos, tenham mais sonhos. Apesar de ter passado por tantas mudanças e evoluções, hoje, a literatura infantil vem atingindo cada vez mais o seu público infantil e que faz uso dela diariamente nas suas práticas sociais.

2.4 Perspectiva histórica dos processos de institucionalização da educação

Nem sempre essa concepção de infância e de escola que conhecemos atualmente, existiu. Conforme Varela e Alvarez-Uria (1992, p. 69) a escola “[...] é uma instituição social de aparição recente ligada às práticas familiares, modos de educação e, conseqüentemente, a classes sociais”.

“Ainda hoje existem regiões onde não há escolas. No entanto, a educação não deixa de ocorrer, embora ela aconteça por processos diferentes daqueles utilizados pelo sistema escolar” (PILETTI; PILETTI, 2002, p. 43). De acordo com Piletti e Piletti (2002), mesmo onde não há escolas há educação.

Podemos voltar um pouco ao passado, quando as crianças eram ensinadas por meio da tradição oral, gestos, imitação, sem um lugar apropriado para se “aprender”. Conforme Piletti e Piletti (2002), antigamente a criança era educada para servir a família, aprender a fazer os trabalhos domésticos e respeitar a moral social e os adultos.

Segundo Àries (2012), nos princípios da Idade Média as escolas e os colégios eram reservados a um pequeno grupo de clérigos, onde eram misturados os diferentes tipos de idade em uma mesma sala. Nesse período, conforme Piletti e Piletti (2002), a educação era controlada pela Igreja e sua principal finalidade era educar o indivíduo seguindo os ensinamentos das Sagradas Escrituras. De acordo com Garcia e Facincani (2007), a escola transmitia a cultura erudita e a pedagogia era baseada na memorização, na acumulação de conhecimentos e também na moralização da criança.

O regime absolutista predominou durante toda a Idade Média, tendo como consequência o fato de que a educação era privilégio dos nobres e dos clérigos. Piletti e Piletti (2012) afirmam que:

Durante toda a Idade Média (1453-1789) predominou o regime absolutista de governo, no qual o poder político passava de pai para filho e a nobreza e o clero eram as classes que gozavam de todos os privilégios. Como consequência, a educação, principalmente nos Estados católicos, era também privilégio dos nobres e dos clérigos, enquanto a maior parte da população permanecia na ignorância (PILETTI; PILETTI, 2002, p. 116).

Como podemos ver, até este momento, a escola era um privilégio para poucos, como os nobres, o clero e os burgueses ricos. Pobres, pessoas desfavorecidas economicamente, em geral não tinham acesso e nem direito à educação escolar. A escola que educava os privilegiados era uma escola voltada ao passado. Conforme Piletti e Piletti (2012), a escola “[...] dava muita importância à moral e à religião, ao domínio da palavra, ao latim e a outros símbolos da tradição que se queria preservar”.

Segundo Piletti e Piletti (2012) foi com o desenvolvimento do capitalismo industrial que as estruturas rígidas e hierarquizadas do mundo feudal e do absolutismo se tornaram ultrapassados. Conforme Piletti e Piletti (2012, p. 129), “[...] a invenção da máquina e a utilização de novas fontes de energia transformaram as faces do mundo” e, assim, novas classes sociais se desenvolveram.

Segundo Postman (1994), no século dezesseis um novo ambiente comunicacional começou, com o surgimento da imprensa e da alfabetização socializada. Conforme Postman (1994, p. 32), “a imprensa criou uma nova definição de idade adulta baseada na competência de leitura, e, conseqüentemente, uma nova concepção de infância baseada na incompetência de leitura”. Leiria (2013) acredita que “[...] a aprendizagem da leitura é um importante instrumento de passagem para fora de um estado de dependência e pode ser considerada como o começo do processo de construção de cidadania da sociedade brasileira” (LEIRIA, 2013, p. 8).

De acordo com Zilberman (1985, p. 14), “[...] foram as modificações ocorridas na Idade Moderna e solidificadas no século 18 que propiciaram a ascensão de modalidades culturais como a escola com sua organização atual e o gênero literário dirigido ao jovem”.

Com as transformações que ocorrem na indústria e na sociedade, a escola também sofreu mudanças e não poderia mais continuar sendo reservada apenas para a elite. Dessa forma, foi surgindo e se desenvolvendo a escola para todos (PILETTI; PILETTI, 2012).

Segundo Piletti e Piletti (2012, p.129), “[...] a escola é obrigada a se modernizar, a dar mais importância aos conteúdos técnicos e científicos, ao lado das antigas matérias clássicas e literárias”. Aos poucos, o sistema de escolas separadas

vai sendo substituído por um único sistema, onde todos começam a frequentar a mesma escola e a ter os mesmos direitos (PILETTI; PILETTI, 2012).

Sibilia (2012) deixa claro que a escola é uma tecnologia de época e cita que os modos de funcionamento dela não estão em sintonia com os jovens do século XXI e que essas aparelhagens estão se tornando incompatíveis e afetando os corpos e as subjetividades das crianças da atualidade.

Ainda que hoje pareça tão “natural”, algo cuja inexistência seria inimaginável, o certo é que essa instituição nem sempre existiu na ordem de uma eternidade improvável, como a água e o ar, tampouco como as ideias de criança, infância, filho ou aluno, igualmente naturalizadas mas também passíveis de historicidade (SIBILIA, 2012, p. 16).

Conforme Sibilia (2012), há algum tempo atrás o regime escolar foi criado em uma cultura bem definida, onde “essa instituição foi concebida com o objetivo de atender a um conjunto de demandas específicas do projeto histórico que a planejou e procurou pô-la em prática: a modernidade” (SIBILIA, 2012, p. 17).

De acordo com Zilberman (1985), [...] em certo momento, a infância passou a ser idealizada e tratados de pedagogia foram escritos para assegurar a singularidade de cada um e a diferença entre a criança e o adulto (ZILBERMAN, 1985). No caso do Brasil, o direito à educação está assegurado na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, que afirma que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, Artigo 1º., 1988).

Atualmente, a educação é caracterizada como uma política obrigatória. Áries (2012) discorre sobre como a evolução da instituição escolar está ligada diretamente a uma evolução paralela do sentimento das idades e da infância. Chega um momento em que o senso comum não aceita mais a mistura de idades, em favor das crianças menores.

Sibilia (2012) discorre que essa mudança que caracterizou a escola da modernidade e que se perpetua até a contemporaneidade foi uma estratégia ousada

e que requeria certas condições básicas para funcionar, além de precisarem ser estipuladas regras e objetivos para que pudesse funcionar com eficácia, assumindo, assim, um compromisso de educar a todos os cidadãos. Neste sentido, Coelho (2000) deixa clara a nova valorização do espaço-escola e afirma que:

Essa nova valorização do espaço-escola não quer dizer, porém, que o entendemos como o sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilista que caracterizou a escola tradicional em sua fase de deterioração. Longe disso. Hoje, esse espaço deve ser, ao mesmo tempo, libertário (sem ser anárquico) e orientador (sem ser dogmático), para permitir ao ser em formação chegar ao seu autoconhecimento e a ter acesso ao mundo da cultura que caracteriza a sociedade a que ele pertence (COELHO, 2000, p. 17).

A escola da atualidade tem como principal linha de trabalho um espaço privilegiado, no qual as bases para a formação do indivíduo serão construídas. Neste espaço, são privilegiados os estudos literários de maneira mais abrangente do que os outros, estimulando o exercício da mente, a percepção do real em suas diversas significações, a consciência do eu em relação ao outro, a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, a dinamização do estudo e do conhecimento da língua para plena realidade do ser (COELHO, 2000).

Coelho afirma que (2000, p. 17) “[...] essa nova valorização do espaço-escolar não quer dizer, porém, que o entendemos como o sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilista que caracterizou a escola tradicional em sua fase de deterioração”. Na contemporaneidade, o espaço escolar deve ser de liberdade, orientação, autoconhecimento, criação, experimentação, entre outros.

Entre tantos pensamentos e questionamentos em relação à escola contemporânea, como vimos na seção acima, podemos observar que a instituição escolar é praticamente uma invenção moderna. Podemos levar em conta que a escola da contemporaneidade não é mais a mesma escola da modernidade, porém, a escola moderna ainda exerce poderes na escola da contemporaneidade.

3 DIFERENTES OLHARES SOBRA A HORA DO CONTO

FIGURA 1 – É importante ler histórias



Fonte: Tonucci, 1988, p. 33

Como pudemos ver no capítulo anterior, a contação de histórias é uma arte muito antiga. Neste capítulo serão apresentados dois olhares que se pode ter sobre a hora do conto, de acordo com as investigações bibliográficas realizadas. O primeiro diz respeito à literatura como encantamento eo segundo à hora do conto como uma forma de introduzir conteúdo.

Apresento aqui o **primeiro olhar**, que traz a literatura como um encantamento. Como será que a contação de histórias está sendo trabalhada dentro das instituições de ensino? O professor deve despertar o prazer pela leitura e ter a devida atenção das crianças no momento de ouvir histórias.

Silva (2011) diz que:

A criança que desde muito cedo entra em contato com a obra literária escrita terá uma compreensão maior de si e do outro, e a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar os horizontes da cultura e do conhecimento, percebendo o mundo e a realidade que a cerca (SILVA, 2011, p. 16).

Enquanto a contação de história diverte a criança, a própria história já lhe esclarece e lhe tira algumas dúvidas, fazendo com que ela desenvolva a sua própria personalidade. Dessa maneira, a história torna-se muito mais do que uma simples contação de história, ela é uma arte que transmite os conhecimentos de forma prazerosa e não imposta. Para Silva (2011), a literatura infantil não está oferecendo o conhecimento de forma prazerosa.

[...] a literatura infantil vem perdendo toda sua beleza e importância na aprendizagem do aluno, pois não está sendo transmitida aos alunos como um meio de transmitir o conhecimento sem cobrança, sem exigências com eles, sem a necessidade de cobrá-lo o que ele está aprendendo, oferecendo esse conhecimento de forma prazerosa (SILVA, 2011, p. 15).

Com essa afirmação de Silva (2011), acredita-se que é de grande importância para a criança a contação de histórias desde o seu nascimento. O ato de ler e de ouvir histórias é de muita valia para a aprendizagem do aluno, tanto para a construção de seus valores quanto da sua personalidade e para suas vivências do dia a dia e vida escolar, auxiliando na sua aprendizagem de escrita e leitura.

Ler histórias para as crianças é tão importante quanto contar histórias para elas. Segundo Teberoski e Colomer (2003) ao ouvir a leitura de histórias a criança se prepara para tudo o que será a linguagem.

As crianças aprendem a esperar mais tempo até ter sua vez de interagir, reconhecem a linguagem narrativa e podem até reproduzir a história que escutaram, fazem predições sobre a continuação da história, aprendem a prestar atenção, adquirem conceitos sobre o que está impresso, e imitam o modelo de leitura do adulto (TEBEROSKI; COLOMER, 2003, p.24).

Há professores que pensam que não têm jeito para contar uma história, mas se experimentarem irão descobrir qualidades novas em si mesmos, reacendendo a própria criatividade, o que os incentivará a modificar a prática de ensino, podendo obter resultados positivos. “Apenas recomendo que não transformem numa exigência utilitária o prazer que a história dá. O lazer é direito de todos assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, convém não esquecer” (COELHO, 1999, p. 11-12).

“Só se conta bem aquela história que a gente amou, estudou e contou para as paredes, pro teto, pro espelho, pros filhos, até que ela brote dos lábios com veemência, convicção, detalhe e emoção” (SISTO, 2012, p. 25). O professor, antes de contar uma história para a sua turma, deve escolher com atenção, a história deve ser planejada, não se conta uma história apenas por contar, ela deve ser pensada. Ele precisa ler, entender, sentir a história antes de transmiti-la aos alunos. Essa história, antes mesmo de tocar a quem ouve, precisa tocar quem a conta.

O contador precisa estar disposto a se envolver com a história, se envolver com quem está ouvindo, dando espaços para ele se envolver e criar junto com o contador. É importantíssimo que o contador de histórias se entregue ao seu personagem, viaje junto com ele e que nesta viagem leve junto consigo o seu público. Paço (2009), afirma que é durante uma contação de histórias que as crianças assumem diferentes papéis e níveis de participação.

O segundo olhar seria como professores e instituições de ensino vêm confundindo o livro infantil com o livro didático, de acordo com Zilberman (1985) isso acontece, porque, no início os livros infantis eram feitos para trabalhar conteúdo com as crianças. É preciso que ocorra uma demarcação sobre o que é livro didático e o que é o livro infantil, livro para um momento de lazer, de prazer da criança.

Mas, então, nos questionamos: O que fazer com essa história contada? Por que no Curso Normal, aprende-se que a hora do conto serve para que se possa introduzir o próximo conteúdo a ser trabalho com a turma? Contar uma história é somente isso? Segundo Sisto (2012, p. 25), “em geral, na escola, a escolha de um texto para ser contado tem, quase sempre, o poder de determinar conteúdos a serem estudados”.

A escola precisa de um novo olhar, de um olhar atento sobre esse momento de grande importância para as crianças, para esse incentivo à leitura que começa desde cedo. Conforme Schneid (2008), “[...] as escolas precisam revitalizar o hábito de contar histórias e o caminho para o resgate desta arte milenar deve começar pelos professores, pois são eles os contadores de histórias nas salas de aulas” (SCHNEID, 2008, p. 5).

É uma pena que hoje em dia ainda possamos encontrar algumas salas de aula onde a hora do conto é vista apenas como forma de introdução de conteúdo, material de auxílio para provas, um momento para acalmar/distrair as crianças ou, até mesmo, como uma “pequena chantagem”: - “se vocês se comportarem, no final da aula, eu conto uma história”.

Para Silva (2011), a contação de histórias é uma experiência positiva.

Nesse sentido, vê-se a contação de histórias no âmbito escolar como uma alternativa para uma experiência positiva com a leitura, superando então a tarefa rotineira propiciada pela escola que transforma a leitura e a literatura em simples instrumento para provas e, com procedimento, afasta o aluno do prazer de ler (SILVA, 2011, p. 10).

Mesmo sabendo da importância que a literatura infantil tem para o desenvolvimento das crianças, ainda existem instituições e professores que não lhe dão o valor necessário. Muitas vezes, fazem uso dos livros como recursos apenas para acalmar as crianças quando elas estão agitadas. Ou, ainda, os utilizam somente para introduzir conteúdo.

Conforme Silva (2011) a contação de histórias colabora para a aprendizagem das crianças:

Acredita-se que a contação de histórias colabora para a aprendizagem das crianças, mas ainda hoje o ato de contar histórias nas escolas é tido como uma forma de distrair e acalmar as crianças sem a preocupação com seu real benefício na aprendizagem (SILVA, 2011, p. 6).

Com isso, acabam não estimulando as crianças para o prazer de se ouvir e ler histórias e, conseqüentemente, tirando a oportunidade delas de experimentarem e terem experiências positivas em suas vidas com o prazer dos livros. A escolha de um texto a ser trabalhado na escola é uma questão fundamental. É preciso deixar de lado esse olhar de que contar histórias tem o poder somente de determinar o conteúdo a ser estudado e que só se pode contar histórias a partir de livros infantis.

Acredita-se que, ao contar uma história, devemos deixar um pouco de lado o didatismo e as lições de moral usadas no final de cada uma delas. É importante que os estereótipos sejam evitados para que o lúdico possa entrar em ação. Sisto (2012) diz que a história é feita na cabeça de quem a escuta, através das expectativas criadas, das frustrações, dos reconhecimentos e das identidades. Uma boa história ouvida deve dar prazer a quem a ouve e ajudar a tirar de sua própria construção, da sua imaginação, um prazer ainda maior.

Pode-se perceber que os dois olhares que se tem sobre a hora do conto são bem distintos, um se referindo à prática da hora do conto como um momento de prazer para o aluno e, o outro, como um momento para introduzir conteúdo. Interessante seria um meio termo, para que a literatura infantil não pendesse somente para um dos lados, mas sim, que pudesse ser trabalhada com equilíbrio e prazer nas salas de aula.

3.1 O lado bom de se ouvir histórias....

Esta seção é pelo simples prazer de se ouvir histórias. “E é exatamente do fascínio de ler que nasce o fascínio de contar. E contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário” (SISTO, 2012, p. 32).

Nossas vidas, atualmente, estão cheias de tecnologias: televisão, computadores, *smartphones*, *tablets*, entre tantos outros. Porém, estamos carentes de boas histórias, de momentos em que podemos olhar para uma criança e ela esteja lendo um livro, contando uma história que leu ou ouviu alguém lhe contando.

Hoje em dia, as crianças estão tão presas a essas tecnologias que momentos como esses têm passado despercebidos na infância. Quais serão as causas e os efeitos de se contar e ouvir histórias na contemporaneidade? Como as crianças reagem a uma boa história que lhes é contada?

Sisto (2012, p. 23) já dizia “[...] contar histórias é uma arte sem lugar em pleno século XXI”. Antigamente, era tradição todos pararem o que estavam fazendo e se sentarem em volta de uma bela fogueira para contar e ouvir histórias, uma bela maneira de despertar a imaginação, de poder criar, na imaginação, as roupas das personagens, a casa onde elas moravam, o rosto e o jeito de cada uma das personagens que eram citadas na história. Hoje em dia, a vida está muito corrida e ninguém mais tem tempo para essas histórias contadas com jeito de quem viu e viveu tudo aquilo.

Um cantinho aconchegante, um pequeno espaço, um tapete com almofadas ou a sombra de uma árvore. Tudo pode servir de palco para um espetáculo de uma contação de histórias, o importante é chamar os pequenos ao redor e permitir que eles entrem no mundo mágico das histórias junto com o seu contador. Não importa a faixa etária, todos nós gostamos de ouvir uma boa história e é importante nos permitimos entrar no mundo da imaginação, sem vergonha e sem medo do que os outros irão pensar.

A prática de contar histórias na sala de aula não deve partir somente do professor. É importante que a contação de histórias não sirva apenas de auxílio para o professor na sua prática em sala de aula. Silva (2011) afirma que é a partir do momento em que a criança ouve histórias que ela se torna um aluno participativo, reflexivo e crítico da sociedade.

Conforme Sisto (2012), o lugar para ouvir histórias vai depender de quem está contando.

E o melhor é que o lugar para ouvir histórias vai depender também de quem conta. Pode ser na sala de aula – transformada em pátio de castelo -, pode ser na sala da casa – transformada em sala do trono -, pode ser embaixo de uma árvore – transformada na torre mais alta da fortaleza – e ainda numa praça, num campo, numa biblioteca, aproveitando para dar a cada lugar o desenho necessário para enriquecer a narração. Agora, se isso tudo despertar o sabor de um passeio com o qual se sonhou há muito, não perca, brinque de ser! (SISTO, 2012, p. 24).

Quem conta uma história? Quando contamos uma história, devemos nos entregar a ela. É importante que o contador de histórias tenha um tom de voz que prenda a atenção de quem está ouvindo. A voz é “[...] um prolongamento do corpo [...]” (SISTO, 2012, p. 47). O contador envolve quem está ouvindo a sua história com o ritmo da sua voz, o timbre, a intensidade, o modo como pronuncia as palavras, como projeta a voz, dando a cada personagem um tom diferenciado.

O que não podemos esquecer e que também é muito importante na hora de contar histórias são os gestos e o olhar. Ao contarmos uma história, devemos nos entregar e contar para quem está ali nos assistindo e por isso os gestos e o olhar são muito importantes. Ao fazer contato pessoal com o público que está assistindo, o contador faz com que essa pessoa se sinta envolvida na história, um real participante. Sisto afirma que “[...] quanto mais sairmos dos gestos corriqueiros, comuns e, muitas vezes, mecânicos e explorarmos gestos que sejam a nossa expressão pessoal daquilo que dizemos, mais instigante, artística e plástica será a contação” (SISTO, 2012, p.48).

O professor, ao propor uma hora do conto, precisa assumir a postura de um verdadeiro contador de histórias. Sisto (2012) afirma que “[...] o contador de histórias é aquele que conta histórias! Confusão comum é pensar que o contador de histórias é aquele que lê uma história diante de uma plateia!” (SISTO, 2012, p. 57). Porém, há ainda alguns detalhes aos quais devemos prestar atenção ao contarmos uma história. Ao nos prepararmos para uma hora do conto, por exemplo, não podemos nos preocupar em decorar a história, mas sim compreendê-la, senti-la.

Sisto (2012, p. 25) ressalta que “[...] o contador de histórias não pode ser nunca um repetidor mecânico do texto que escolheu contar”. O contador de histórias deve se despir de quem ele é como pessoa e entrar no papel do personagem para dar vida, realidade à história a ser contada. O ator precisa dar originalidade à história contada. Contudo, nos questionamos diariamente sobre diversas dúvidas. Qual história contar? Um conto? Uma fábula? Uma lenda? Um mito? Uma notícia? Uma novela? A história está apropriada para a faixa etária? Como devo contar? Como nos preparamos para contar essa história? Acreditamos que o modo que vai ser usado para contar a história é o mais importante.

4 METODOLOGIA

Pesquisar, investigar, experimentar, buscar, questionar, refletir, analisar. *“Pesquisar é algo que exige reflexão, rigor, método e ousadia”* (COSTA, 2007, p. 150, grifos da autora). Segundo Costa (2007), pesquisar requer muita leitura, persistência e curiosidade. Para pesquisar é preciso de uma fundamentação teórica, um problema de pesquisa e, principalmente, uma mente questionadora.

Pesquisar, pesquisar e pesquisar. Acima de tudo ter um olhar atento, observador dos aspectos que o pesquisador busca encontrar. Conforme Costa (2007), pesquisar é uma aventura.

Pesquisar é uma aventura; seja um bom detetive e esteja atento a suas intuições! Pistas, intuições, suspeitas, dúvidas merecem ser objeto de atenção, e não deveriam ser descartadas sem antes perscrutar cuidadosamente várias possibilidades de conectá-las com aquilo que se deseja investigar. Ao que tudo indica, parece que não existe “modelo” de pesquisa minimamente confiável que justifique o descarte do inesperado sem dar-lhe uma chance de “falar”. Bons estudos frequentemente estão associados a inesperadas “sacações”! (COSTA, 2007, p. 147, grifos da autora).

Com um olhar atento, curioso e cheio de expectativas percorri os caminhos desta pesquisa. Como um meio para atingir os objetivos traçados, desenvolvi um estudo de caso abordando uma pesquisa quali-quantitativa. Segundo Goldenberg (2013), a pesquisa quali-quantitativa permite um cruzamento melhor nos dados coletados.

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um *cruzamento* de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não produto de um procedimento específico ou

de alguma situação em particular (GOLDENBERG, 2013, p. 62, grifos da autora).

Conforme Goldenberg (2013, p.13), “em uma pesquisa o início, meio e fim são imprevisíveis, uma vez que é impossível prever antecipadamente todas as suas etapas”. Para a autora não há um modelo de pesquisa, mas sim caminhos possíveis para se chegar aos objetivos propostos.

A escola selecionada para esta pesquisa foi uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Lajeado/RS. A escolha ocorreu devido a uma conversa informal que tida com a titular da turma desta respectiva escola e foi quando nessa oportunidade que descobriu-se que a professora trabalhava com a sua turma uma vez por semana (pelo menos) com hora do conto. Durante esse bate papo, a curiosidade foi aumentando para saber como a professora fazia uso da hora do conto na sua prática em sala de aula.

Com o intuito de investigar as práticas da hora do conto na sala de aula, os sujeitos participantes desta pesquisa foram os alunos e a professora da pré-escola e os professores dos anos iniciais. A escola participante da pesquisa é municipal de ensino fundamental da cidade de Lajeado, município localizado no Vale do Taquari - RS.

A geração de dados ocorreu por meio de entrevistas com a titular e os alunos, observação da turma da pré-escola em momento de contação de histórias, observação da professora titular realizando momentos de contação de histórias, questionários com as professoras de Ensino Fundamental e, a convite da professora titular da turma observada, foram realizadas duas observações em oficinas de “Literatura Infantil”, que foram ministradas por ela para monitoras das escolas municipais de Estrela/RS.

Pode-se observar, no quadro abaixo, como ocorreu a geração de dados.

QUADRO 1 – Participantes da pesquisa.

Meio de geração de dados	Com quem?	Com quantos?
Entrevista semiestruturada	Professora titular da turma e alunos.	Uma professora titular e quinze alunos.
Questionário	Professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.	Foram entregues dez questionários e retornaram oito.
Observações de aulas	Turma da pré-escola.	Duas.
Observações de oficinas	Professora titular.	Duas.
Observações de horas do conto	Professora titular.	Quatro.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As observações, as conversas informais, a entrevista e os questionários realizados foram fundamentais para a pesquisa, pois essa coleta de dados permitiu analisar como se dá a organização e as práticas da hora do conto com a turma selecionada e como as professoras de Ensino Fundamental veem essas práticas. Para posterior análise, todos os dados coletados nas observações, entrevistas e questionários foram registrados em um diário de campo.

A primeira etapa da pesquisa aconteceu por meio de observação da professora titular da turma de pré-escola realizando uma contação de histórias para todas as turmas da escola parceira. Esse primeiro contato com a professora foi fundamental para perceber como ela vê e aplica a hora do conto.

A entrevista também foi outro meio encontrado para auxiliar na geração de dados. Conforme afirma Gil (2012).

[...] a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (GIL, 2012, p. 109).

A entrevista foi realizada com a professora titular e com os alunos da turma de pré-escola, a fim de compreender e analisar quais são as representações (percepções) que os professores e os alunos têm sobre a prática da Hora do Conto no contexto escolar.

Levando em consideração que os alvos desta pesquisa são os professores e os alunos, foram explicados os procedimentos para eles e solicitado o consentimento (APÊNDICE A) de todos, de modo que assim se pudesse realizar as observações, entrevistas e questionários. Vale ressaltar que, além dos alunos, os pais e/ou responsáveis assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B), permitindo que a pesquisa fosse realizada.

A turma da pré-escola é composta por quinze alunos, sendo que destes, todos aceitaram participar das entrevistas. O nome dos envolvidos na pesquisa é mantido em sigilo, todavia, os participantes puderam escolher um nome pelo qual gostariam de ser identificados. A professora titular da turma também foi entrevistada (APÊNDICE C), a fim de analisar como ela narra a prática da hora do conto no seu dia a dia. Optou-se pela entrevista semiestruturada e por um diário de campo para auxílio, caso surgisse, durante a conversa, questões para possíveis análises.

A entrevista com a professora titular da turma ocorreu em setembro e em novembro ocorreram as entrevistas com os alunos e também a observação na sala de aula. Todos os envolvidos nesta pesquisa, inclusive a equipe diretiva, assinaram o termo de consentimento (APÊNDICE D).

Levando em consideração a curiosidade em relação às práticas da hora do conto, foi elaborado um questionário (APÊNDICE E) para as professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, desta mesma escola parceira, com o intuito de investigar como elas fazem uso da hora do conto na sala de aula e analisar como os diferentes atores desta pesquisa (professores e alunos) narram o momento da hora do conto no contexto escolar.

O questionário foi entregue para dez professores no mês de setembro do ano de 2015. No entanto, somente oito professores retornaram o questionário respondido e foi a partir deles que a parte de análise da pesquisa foi desenvolvida. Durante as análises, os respondentes dos questionários foram identificados por professor um, professor dois e assim sucessivamente, para preservar suas identidades.

Todas as informações obtidas durante a pesquisa, em situações como observações, entrevistas e conversas informais foram registradas em um diário de campo, utilizado durante toda a caminhada.

Cada uma das respostas dos professores e dos alunos foi analisada de forma qualitativa, contando com o auxílio de um roteiro das questões e respostas. A partir das falas dos entrevistados e das escritas no diário de campo, buscou-se fazer uma aproximação para realizar as análises necessárias.

A primeira categoria de análise foi intitulada “preparando um espetáculo”, onde fala-se sobre como as práticas da hora do conto vêm sendo trabalhada e como elas são vistas pelos professores. A segunda categoria é intitulada “olhares dos diferentes atores desta pesquisa sobre a hora do conto”, onde procura-se compreender a percepção dos professores sobre as práticas da hora do conto.

5 PREPARANDO UM ESPETÁCULO

FIGURA 2 – Era uma vez.....



Fonte: Tonucci, 1988, p. 90

Este capítulo propõe-se a dar conta dos dois primeiros objetivos da pesquisa, a saber: (a) investigar como os professores fazem uso da hora do conto na sala de aula e (b) analisar como os diferentes atores desta pesquisa (professores e alunos) narram o momento da hora do conto no ambiente escolar. Procura-se dissertar sobre como o momento de contar histórias é narrado nessa escola parceira.

A preparação para uma contação de história nem sempre é fácil, e se você acredita que ela é, então talvez esteja na hora de repensar a sua prática. Conforme Sisto (2012, p. 74), “[...] Num olhar mais minucioso, pode-se descobrir que contar histórias não é uma tarefa fácil”. Durante o meu caminho de pesquisadora e observadora, pude perceber o quanto a preparação para uma hora do conto deve ser cuidadosa.

É importante que, antes de contar a história, tenha-se toda uma elaboração, observando todos os detalhes e caminhos a serem seguidos. Antes mesmo de escolher a história é preciso pensar: qual a melhor história a ser contada? Qual será a exploração da história (tendo sempre um olhar atento para ela)? Qual a melhor forma para se contar a história? Como a história será narrada? A história terá algum objetivo didático ou será um momento de prazer? Coelho (1999) afirma que não se pode correr riscos de improvisação na hora de contar histórias para as crianças. Por isso é tão importante o planejamento das aulas, para que o professor possa se preparar e não ser pego de surpresa no meio da sua leitura para as crianças, a preparação é fundamental antes de se trabalhar as histórias com as crianças.

Durante a observação realizada nas oficinas que a professora titular ministrou, percebeu-se a importância de preparar-se para uma contação de história.

Eu conto de várias formas, normalmente eu costumo fazer um espetáculo. Eu visto uma fantasia ou coloco algum adereço ou crio um clima de suspense ou eu simplesmente sento e conto a história pra eles utilizando o livro.

(Excerto retirado de entrevista realizada com a professora titular, setembro/2015)

A professora titular, ao se preparar para a hora do conto, fala que prepara um “*espetáculo*”³ para os seus alunos, que pensa na história a ser contada, em como vai contar, quais recursos vai utilizar e em como serão as vozes dos personagens. Segundo Dohme (2013, p.15): “Às vezes, será preciso algum esforço, preparar um fantoche, um cenário [...], mas valerá a pena”.

Percebeu-se, durante a pesquisa, que a professora titular observada, ao falar de literatura infantil e hora do conto, se emocionava. O seu olho brilhava e era nítido o orgulho com o qual enchia a boca para dizer que “*não se imagina em outra profissão a não ser professora*” (excerto retirado do diário de campo, 01 de outubro). A professora relatou que também não sabia contar histórias, mas que, com o tempo, foi aperfeiçoando a sua técnica, perdendo a vergonha, vendo o que dava certo e o que poderia ser feito de diferente.

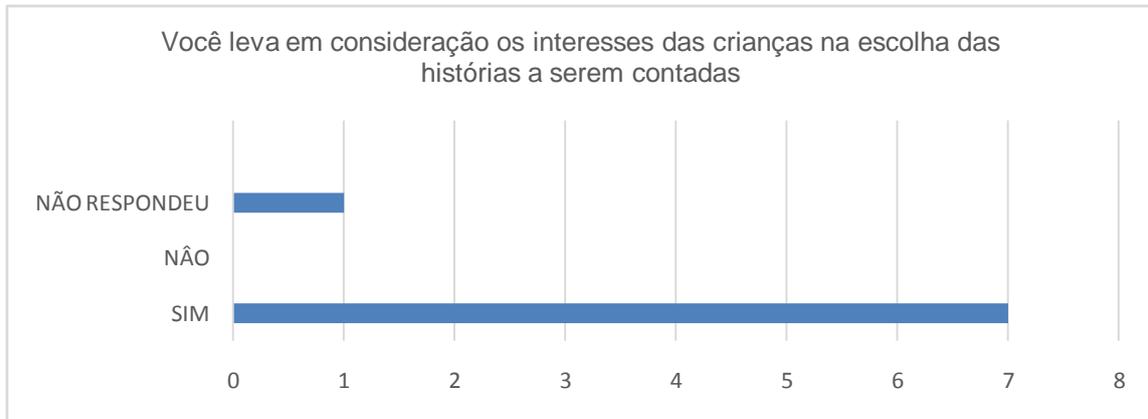
Durante a oficina ministrada para as monitoras do município de Estrela/RS, a professora buscou deixar claro os pontos importantes para uma boa hora do conto, para que os alunos sintam prazer em ouvir a história e frisou a importância de o professor ter prazer em contar.

Sisto (2012) afirma que, para contar histórias, é preciso ter muita técnica, o que acaba se tornando decorrente da experiência de contar histórias. Na entrevista realizada com a professora da turma da pré-escola observada, ela disse que “*nem todo mundo tem o dom de contar histórias e que com o tempo essa técnica é aperfeiçoada*” (Excerto retirado do diário de campo, 03/setembro).

Antes de escolher a história a ser contada, deve-se levar em conta o enredo, o interesse do aluno e a faixa etária. Conforme Ramos (2011 p.38), “[...] a preparação da história começa com a escolha criteriosa e cuidadosa do texto, pela leitura do dito e não dito do texto”. Sete entre oito professores que responderam ao questionário desta pesquisa levam em consideração o interesse do aluno, na história a ser contada. É o que podemos observar no gráfico abaixo.

³ Utilizou-se o recurso itálico entre aspas para destacar as respostas que os entrevistados ofereceram para esta pesquisa. A partir de agora, toda vez que um excerto dessas entrevistas for referido essa formatação será utilizada.

Gráfico 1 – Opinião dos professores em relação ao interesse das crianças na escolha da história a ser contada.



Fonte: Elaborado pela autora.

A professora 4, em resposta ao questionário, diz que leva em consideração o interesse do aluno, porém depende do momento e da proposta. Segundo ela: *“Depende do momento e da proposta, mas sempre faço momentos em que os alunos escolhem a história e até mesmo em que eles contam histórias”*.

Conforme Patte (2012, p. 277), “[...] Compartilhar histórias. Cada um, não importa o seu tamanho ou idade, pode satisfazer o seu gosto pela leitura, tanto os grandes quanto os pequenos, tanto os pais quanto os filhos”. Para fazer o aluno gostar de ler e de ouvir histórias, o professor/contador de histórias precisa, antes de tudo, gostar de ler, mostrar ao seu aluno com empolgação e com prazer que a história a ser contada/ouvida vai ser prazerosa, gostosa.

De acordo com Sisto (2012, p. 89), “[...] o professor, para se tornar um eficaz agente de leitura, tem que ser, antes de tudo, um grande leitor”. Observou-se que, para o aluno, é de extrema importância perceber essa paixão que o professor tem pelo livro/história. Quando o aluno sente que o professor está envolvido na história, ele se prende muito mais ao enredo. Em entrevista realizada com os alunos Ana Clara diz que:

Ana Clara diz: *“Eu gosto quando a profe conta histórias porque é divertido, ela faz umas vozes engraçadas”*.

Pode-se dizer, atrevidamente, que o professor tem o “poder de transformar” o seu aluno em um leitor, um apreciador de bons livros. A hora do conto é um dos caminhos para despertar o interesse do aluno pela leitura, é um recurso que está disponível para que o professor faça crescer esse amor por ouvir/ler histórias em seus alunos. Percebeu-se, durante as observações, que o professor é o maior incentivador para a leitura. Em entrevista realizada com a professora titular, ela relata uma experiência que ocorreu dentro da sua sala de aula.

Toca o sinal... a professora entra na sala de aula e encontra seu aluno lendo uma história para os colegas... *“eu entrei na sala e ele (Otávio) estava contando a história do chapéu pros colegas e como ele já está lendo, em uma turma de pré-escola, eu quis também valorizar essa leitura dele, então a gente realizou toda uma situação envolvendo a história do chapéu contada por ele”*.

Após chegar em sua sala de aula e se deparar com esta cena, a professora titular resolveu fazer a diferença para seus alunos e a partir da leitura realizada pelo seu aluno aos colegas, surgiu o projeto *“compartilhando boas histórias”*. Como acontece a realização desse projeto? Na segunda feira, as crianças vão até a biblioteca fazerem a retirada de livros para levarem para casa. Antes de se dirigirem à biblioteca a professora realiza um sorteio e a criança sorteada irá contar uma história na semana seguinte para os colegas. Em entrevista realizada com a titular da turma observada, ela diz que *“a ideia, claro, é que eles observem a sequência da contação de história, mas também que eles vejam como é legal os colegas ouvirem eles e até pelo contrário, do respeito que eles têm que ter quando o colega está contando a história. Essa situação é simplesmente pelo prazer de ouvir e de compartilhar as suas histórias”*.(Excerto retirado de entrevista realizada com a professora titular).

Através deste excerto podemos observar o quanto a professora valoriza, utilizando-a como um momento de prazer, incentivando os seus alunos a lerem e a contarem histórias para os colegas.

Para Sisto (2012), o professor tem em suas mãos o poder de aproximar os seus alunos do mundo da leitura. Em um dos questionários entregues para as

professoras de Ensino Fundamental, a professora 4⁴ diz: “*sempre faço momentos em que os alunos escolhem a história e até mesmo em que eles contam histórias*”. Esses momentos são de fundamental importância para estimular a leitura, tanto na sala de aula quanto fora dela.

Para que se tenha uma hora do conto significativa, tanto para o contador quanto para o aluno, é importante se pensar em quais são os requisitos para se contar bem uma história. Sisto (2012) afirma que, para se contar boas histórias, é importante observar alguns pontos:

Dominar, em linhas gerais, o texto, saber fazer as suas escolhas, se preparar com alguma antecedência para contar, utilizar conscientemente os recursos do instrumental humano (emoção, corpo, voz, memória) e os recursos técnicos necessários para uma maior eficácia no trabalho com a palavra (naturalidade, ritmo, entonação, pausas) (SISTO, 2012, p. 90).

Conforme Abramovich (1995) [...] “quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante...”.

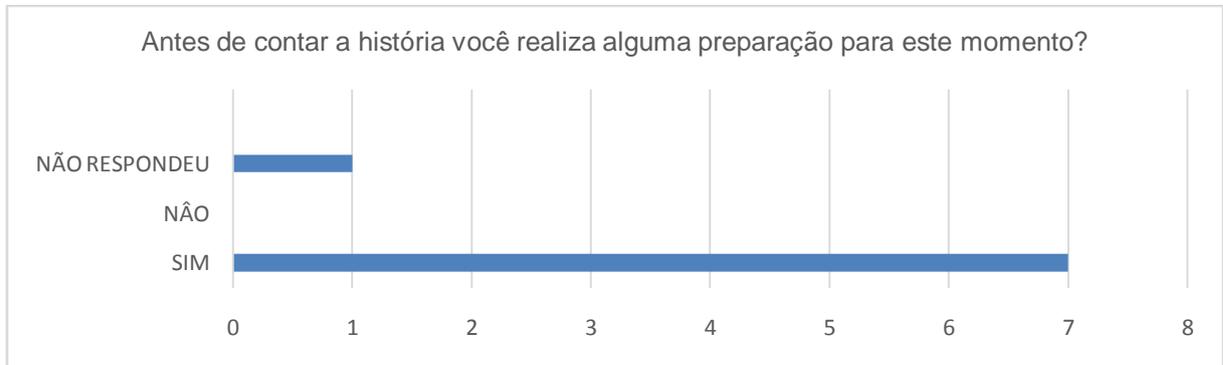
Em entrevista realizada com a professora titular da turma, ela conta que: “*no início da minha caminhada, as crianças vinham com uma história eu pegava e contava. Só que quando chegava no meio da contação eu levava um susto, porque as vezes tinha algumas expressões, alguns termos, algumas palavras que não eram de acordo com a faixa etária. Então eu comecei a adotar alguns critérios: jamais contar uma história para eles sem lê-la antes*”. (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora titular da turma, setembro/2015).

No questionário entregue para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, procurou-se questionar se eles faziam alguma preparação para a hora do conto. Pode-se perceber, através do gráfico abaixo, que sete entre oito professores se preparavam para este momento. A professora 6, inclusive, comenta que “*antes, durante e depois procuro realizar práticas, atividades e momentos onde*

⁴ Para preservar os nomes das professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da escola investigada, que responderam ao questionário, identifique-as a partir de números, por exemplo: professora 1, professora 2, etc.

os alunos possam criar laços, vínculos com as histórias”. (Excerto retirado do questionário com professoras outubro/2015.)

Gráfico 2 – Preparação para a contação de história.



Fonte: Elaborado pela autora.

Para contar histórias não há regras fixas nas quais precisamos acreditar cegamente, porém, sempre há maneiras para deixar esse momento mais divertido, prazeroso, prezando sempre pela qualidade de se contar boas histórias. Segundo Abramovich (1995), é importante saber dar pausas, criar intervalos, sempre procurando respeitar o tempo para o imaginário das crianças, para que elas possam construir na sua imaginação o cenário, as personagens, enfim, dar vida à história.

Pode-se observar que a professora, durante o momento da hora do conto, usava entonação de voz, se preparava antes de contar a história, utilizava recursos. Em entrevista realizada com a professora titular, ela afirma: *“eu gosto muito de contar histórias usando algum recurso ou mudando o tom de voz, as crianças acabam ficando fascinados, vidrados em ti. Para a contação de histórias é importante se despir da vergonha, de pré-conceitos. Então eu tenho muito assim, de encarnar o contador de histórias dentro de mim, sem vergonha, sem medo”*.

Ao realizar a prática de contação de histórias, percebeu-se que a professora titular da turma da pré-escola observada *“demonstra muita emoção, se dedica, se empenha, se sente realizada no “seu palco” com todos aqueles olhinhos vidrados nela.”* (Excerto retirado do diário de campo, outubro/2015).

Durante a entrevista realizada com as crianças da turma da pré-escola observada, a resposta para a pergunta: “você gosta de ouvir histórias? foi unânime”.

Todos os alunos gostam de ouvir histórias. Alguns trechos interessantes foram expostos pelas crianças.

Pedro diz: *Eu gosto quando a profe conta história porque ela fala bem alto e os colegas bem baixinho.*

Otávio diz: *Eu gosto quando a profe conta histórias porque daí a gente pode ficar descansando.*

Jhony diz: *Eu gosto muito de ouvir histórias, porque a profe mostra os desenhos.*

(Excertos retirados de entrevista realizada com os alunos da turma da pré-escola outubro/2015)

A importância destas falas é nítida, pode-se perceber o quanto é necessário este momento de leitura e de contação de história para as crianças. Fala como “*a gente pode ficar descansando*”, para Otávio significa que neste momento ele poderá se deitar, relaxar e ouvir com prazer este momento de deleite em sua sala de aula. Para Jhony, a melhor parte é quando a professora lhes mostra os desenhos contidos nos livros, vejamos aqui, a importância de mostrar para as crianças o desenho nos livros. Por mais que as crianças estejam atentas, imaginando o que está acontecendo, para ela se faz necessário ver o desenho que o próprio livro apresenta.

É indispensável frisar a importância de também se ler histórias para as crianças no dia a dia. A criança precisa vivenciar a experiência de ouvir histórias das duas formas, contada e lida. Em entrevista realizada com a titular da turma da pré-escola observada, ela diz que “tem diferença entre contar a história e ler a história e eles precisam ter as duas vivências”.

Nas observações realizadas em sala de aula, pode-se perceber que a professora titular tem um “efeito de encantamento” sob as crianças, sem ter a menor necessidade de ser autoritária. Ao contar histórias, ela não fica exigindo silêncio, não interrompe a história para xingar o seu aluno ou pedir que ele pare quieto. Pelo contrário, ao contar história ela prende a atenção deles, os seus olhos ficam fixos nela, mesmo quando o seu único recurso é o livro infantil.

Nota-se, também, que quando utilizado um tapete de contação de histórias, ela não se importa que seus alunos mexam nela enquanto está contando a história, pelo contrário, ela vai contando, eles vão mexendo e ela busca fazer com que eles participem da contação, sem interromper a história por diversas vezes para dizer “Fulano, não mexe”, “Fulano, silêncio”. Sem essas interrupções, as crianças prestam mais atenção na história e também interagem muito mais.

Em entrevista realizada com a professora titular, ela esclarece que se vale dos dois olhares na hora de contar história, tanto como um momento de prazer, quanto para introduzir conteúdo. Em excerto retirado da entrevista, ela deixa claro que *“tem histórias que a gente já tem objetivo de algo que a gente queira, mas as vezes conto história simplesmente por ser gostosa, até pra um momento de volta à calma. Por que as vezes eles estão tão agitados e no momento em que tu conta uma história bacana pra eles, eles acabam se acalmando. E as vezes dessa própria história que tu contou sem interesse nenhum acaba virando um projeto, isso acontece também”*. (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora titular da turma, setembro/2015.)

Nas observações realizadas, ficou nítido que a relação entre quem conta a história e quem ouve é muito importante. Acredita-se que, além de gostar de ouvir a história, deve ser muito gratificante quando a criança procura a obra que foi contada para lê-la, porque, além de ouvir uma boa história, é muito importante a leitura, ainda mais uma boa leitura podendo ter em mãos a obra.

Sisto (2012) afirma que, se a história for bem contada, o ouvinte irá sentir prazer em procurar o livro para lê-lo.

Claro que o ouvinte de uma história experimenta o prazer e a necessidade de voltar ao texto, buscar o livro, se a história tiver sido bem contada. Portanto, não podemos arriscar e desperdiçar essa imensa oportunidade de contar uma história sem que ela esteja minimamente pronta para seduzir o leitor-ouvinte (SISTO, 2012, p. 46).

Durante as observações e entrevistas realizadas, percebe-se que a teoria e a prática da professora titular da turma da pré-escola andam juntas. Tanto na entrevista quanto na observação, pode-se notar que a professora faz uso das práticas da hora do conto tanto como um momento de prazer quanto para introduzir

conteúdo. O interessante é que ela faz uso dessa prática para introduzir conteúdo sem que as crianças percebam, pois em suas falas, elas dissertam que somente fazem “trabalhinhos” depois que os colegas contam histórias. Finaliza-se este capítulo com um excerto retirado da entrevista realizada com os alunos, onde a Ana Clara deixa visível sua visão sobre o assunto.

Entrevistadora: Ana Clara, a profe, depois de contar histórias para vocês pede que vocês façam um trabalhinho, um desenho, sobre a história que foi contada?

Ana Clara: *Não, a profe só pede para fazermos desenho depois que os colegas contam a história, daí a gente aprende a escrever o título da história também.*(Excerto retirado de entrevista realizada com os alunos, novembro/2015.)

6 OLHARES DOS DIFERENTES ATORES DESTA PESQUISA SOBRE A HORA DO CONTO

FIGURA 3 - Imaginação

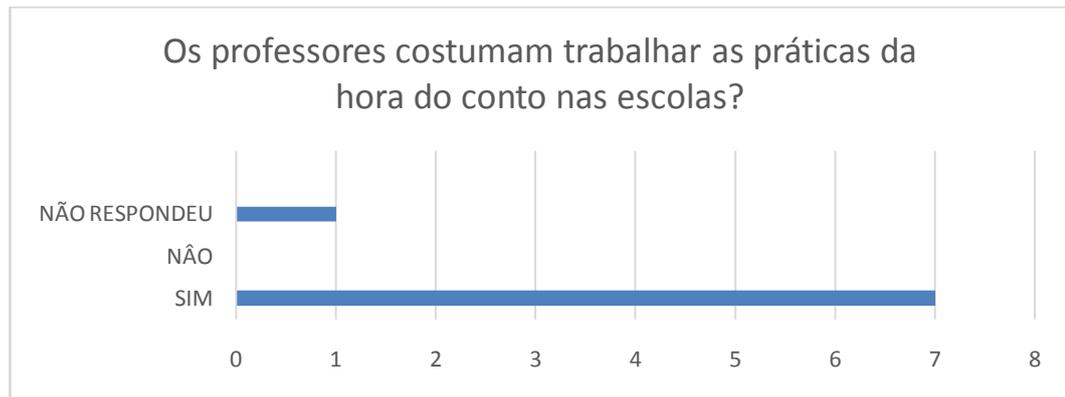


Fonte: Tonucci, 1988, p.90.

Este capítulo foi desenvolvido para refletir sobre o seguinte objetivo específico proposto nesta pesquisa: (c) identificar as representações que os atores desta pesquisa fazem sobre a prática da hora do conto, no contexto escolar. No qual procuro compreender a percepção dos professores sobre as práticas da hora do conto.

De acordo com Mittmann (2010) a prática de se contar histórias vem sendo pouco praticada nas escolas. De acordo com os professores que responderam ao questionário desta pesquisa sete entre oito professores acreditam que as escolas costumam trabalhar com a contação de histórias nas salas de aula.

Gráfico 3 – As práticas da hora do conto nas escolas.

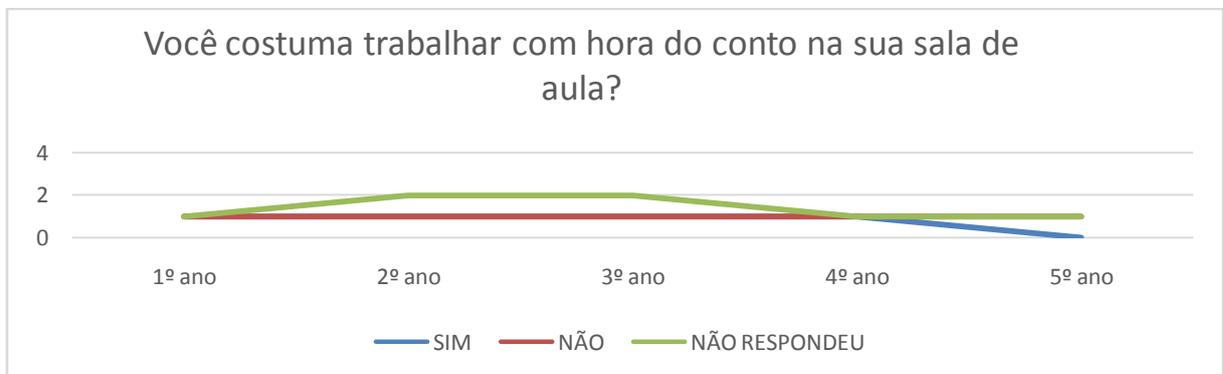


Fonte: Elaborado pela autora.

Em resposta ao questionário a professora 6 diz que percebe que “nas séries iniciais a prática é mais comum, mas acredito que deveria ser ainda mais frequente”. (Excerto retirado do questionário.)

Conforme o gráfico abaixo podemos observar que das oito professoras entrevistadas: cinco professoras trabalham com contação de histórias na sala de aula, duas preferiram não responder e uma respondeu “não” afirmando que não conta histórias na sala de aula “pois é oferecida leitura no horário da biblioteca”.

Gráfico 4 – A contação de histórias na sala de aula



Fonte: Elaborado pela autora.

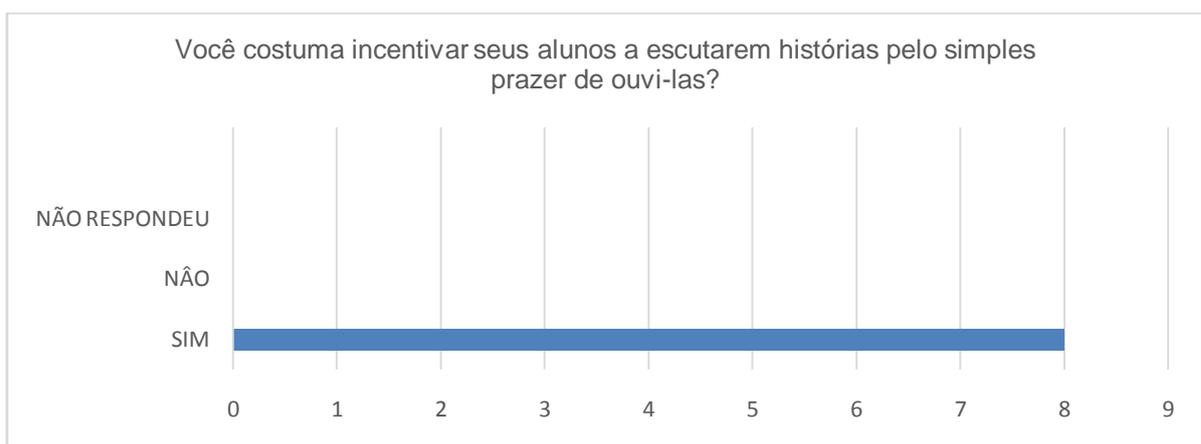
Nota-se através dos questionários respondidos pelas professoras do ensino fundamental que a prática de contar histórias vem diminuindo de acordo como vai

aumentando o nível da turma. A partir do terceiro ano esta prática de contar histórias começa a decair, de oito professoras entrevistadas quatro eram professoras do terceiro ao quinto ano, sendo que três delas afirmaram não trabalhar mais com histórias porque uma vez por semana a turma se dirige até a biblioteca da escola, para realizar um momento de leitura.

Durante a pesquisa pode-se perceber que a maioria das professoras se vale da prática da hora do conto tanto para um momento de deleite, quanto para trabalhar com conteúdo. Sisto afirma que (2012, p. 80): “Quem se aproxima do livro, tendo como objetivo apenas o cumprimento de prerrogativas profissionais, na certa, afasta da leitura o seu maior aspecto – o lúdico.

É importante que a criança possa ter contato com livros infantis, sem sentir-se na obrigação de ter que fazer um trabalho sobre a história no final. Mesmo os índices mostrando que algumas das professoras não fazem uso da contação de histórias na sala de aula, ao responderem sobre o incentivo à leitura, todas foram unânimes em afirmar que incentivam os seus alunos a ouvirem histórias pelo simples prazer de ouvir histórias.

Gráfico 5 – O incentivo aos alunos a ouvirem histórias por deleite.

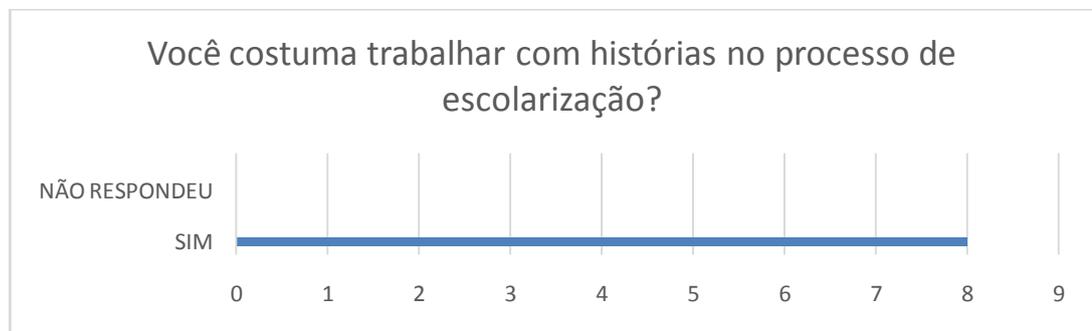


Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme Fortunati (2009, p.175) “por meio dos livros, as crianças entram em contato com uma representação do mundo construída por meio das imagens e das palavras, que definem conjuntamente seus significados e valores”. Em entrevista realizada com a titular da turma observada ela afirma o quanto é importante incentivar os alunos a ouvirem histórias pelo simples prazer de ouvir boas histórias.

A professora conta em entrevista que dentro da sala de aula ela costuma contar histórias para a sua turma pelo menos duas vezes por semana, pois acredita que contando histórias se consegue cativar as crianças. Conforme a professora observada *“eu trabalho muito com histórias, porque acredito que com as histórias infantis a gente consegue cativar as crianças”*.(Excerto retirado da entrevista realizada com a professora titular.)Ao serem perguntados no questionário se os professores costumam trabalhar com histórias na escola, os oito professores afirmam que sim.

Gráfico 6 – O trabalho das histórias no processo de escolarização.



Fonte: Elaborado pela autora.

A professora 3 diz que trabalha com histórias *“porque a literatura infantil me encanta, adoro ler com e para as crianças”*.

A professora 4 diz que trabalha com histórias porque *“as histórias estimulam a curiosidade, o prazer pela leitura e são grandes aliadas para trabalhar conteúdos”*.

A professora 8 afirma que *“na verdade trabalha as vezes, geralmente para iniciar um trabalho, estudo, projeto, pois a partir daí posso explorar um leque de assuntos abordados, mantendo uma conexão”*.

(Excertos retirados dos questionários outubro/2015.)

De acordo com Coelho (1999, p.59): *“A história não acaba quando chega ao fim. Ela permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora”*. A história contada permanece viva na cabeça da criança por muito e muito tempo. Sendo assim, a criança traz para o mundo da realidade, o mundo da imaginação. Trazendo para o seu dia a dia, o príncipe, a princesa, a fada, a bruxa, entre tantos outros...

Com isso, é importante lembrar que o livro infantil não é um livro didático. Não se tem nenhuma receita pronta, do que pode ou não ser feito com um livro, mas é fundamental nos atermos a ideia de que o livro antes de tudo deve ser usado para o prazer da criança. É presente nas escolas o quanto o livro infantil auxilia para alcançar aos objetivos estabelecidos no currículo escolar. A professora oitavo, quando questionada se costuma incentivar os seus alunos a ouvirem histórias afirma que sim. *“Na escola parece que tudo tem, que ser seguido de um trabalho, desenho ou escrita. Mas eu incentivo e as vezes até conto, por contar”*.

Torna-se visível a presença do uso da hora do conto para a introdução de conteúdo. Segundo Fonseca (2012, p.29): “Muitas vezes os professores pensam que as crianças só aprendem a ler se realizarem atividades que envolvam letras”. A criança aprende diariamente, não somente com um papel e uma caneta na mão. Ouvindo histórias as crianças também têm aprendizagens significativas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não quero encerrar esta pesquisa, com uma conclusão definitiva. Até porque nenhuma certeza é absoluta e porque o meu objetivo não é encontrar nenhuma fórmula secreta para as práticas da hora do conto. Minha inquietação ainda permanece aqui. Foram muitos momentos de reflexão, incertezas, dúvidas, sentimentos que ainda me instigam a pesquisar sobre o tema.

Após concluir o presente trabalho, é impossível não resgatar algumas questões que foram essenciais para compreender quais são as representações (percepções) que os professores e os alunos têm sobre a prática da Hora do Conto, no contexto escolar. Sendo assim, elenco alguns pontos que mais se destacaram ao longo desta pesquisa.

Analisando todo o material coletado, pode-se perceber que inúmeras possibilidades e interpretações foram dadas às práticas da hora do conto no contexto escolar, permitindo que se pudesse compreender um pouco mais sobre elas.

Já nas primeiras observações pôde-se observar que a professora era uma contadora de histórias nata. Diante disso, percebe-se que a contação de histórias precisa ser algo natural, o professor precisa amar aquilo que está fazendo e não somente contar histórias por contar. Em entrevista realizada com a professora titular da turma, ela deixa claro que se utiliza dos dois momentos em sua sala de aula: ela se vale da hora do conto tanto como um momento de prazer, quanto como um momento para introduzir conteúdo.

Diante das narrativas dos alunos na entrevista, percebeu-se que, para eles, a hora do conto é um momento muito especial, prazeroso. Não ficou claro, porém, se entendem este momento apenas como prazer ou se o relacionam também às atividades dirigidas, já deixam claro diversas vezes que somente fazem trabalhos sobre a história quando um outro colega a conta.

Nos questionários entregues para as professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pode-se notar que elas se utilizam deste momento mais para introdução de conteúdo, do que momento de prazer. Muitas vezes elas citam que, na escola, o livro é um recurso facilitador para introduzir os conteúdos e os projetos a serem trabalhados. Talvez esta prática ainda esteja muito viva em sala de aula, porque até bem pouco tempo atrás os primeiros textos escritos para as crianças eram com o intuito educativo, sendo assim, quem sabe está seja a explicação da qual muitos professores ainda se utilizam da hora do conto como um pretexto para ensinar conteúdo.

Por fim, percebe-se que se a hora do conto for trabalhada em equilíbrio na sala de aula, o aluno não sai prejudicado. O livro infantil pode ser sim um facilitador para se trabalhar com conteúdo, mas como pôde-se observar, é importante que ele seja trabalhado de uma forma leve, equilibrada, como já dito.

Percebeu-se, na fala dos alunos, que para eles não é necessário um grande espetáculo na hora de contar histórias. O fato de estar com um livro em mãos e fazer um suspense antes de contá-lo, para eles, já é um espetáculo, uma aventura. Percebeu-se, também, que esse momento, para a criança, é de grande importância, pois eles deixaram claro o quanto gostam de ouvir boas histórias, de poder sentar e ouvir a próxima aventura a ser contada.

Nota-se que a professora titular da turma da pré-escola, procura fazer deste momento, um momento único para a sua turma. E sim, ela muitas vezes faz um espetáculo, se prepara, traz recursos, roupas, faz um show para que eles se sintam maravilhados com este momento. Mas ela também se vale deste momento somente com o livro, onde ela senta em roda e conta uma história somente pelo simples fato de poder estar ouvindo uma boa história.

Porém, por outro lado, é triste perceber que conforme vão aumentando os anos, as professoras vão deixando esta prática de lado. O momento de contar histórias vai sendo esquecido, as professoras dos Anos Iniciais ficam mais preocupadas com os conteúdos que precisam ser dados e o momento lúdico vai sendo deixado de lado.

Conclui-se que as práticas da hora do conto no contexto escolar precisam ser trabalhadas por prazer e que quando a professora se entrega a esse momento a criança só tem a ganhar. É gratificante e enriquecedor poder fazer parte da rotina de uma turma onde é nítida a participação do aluno em cada proposta trabalhada em sala de aula, onde a professora não impõe suas vontades e obriga-os a fazer, após cada história contada, um trabalho sobre o assunto. E mais maravilhoso ainda é poder analisar as percepções das crianças, quando elas mesmas podem falar como se sentem em relação à hora do conto.

Por fim, acredita-se que as práticas da hora do conto, no contexto escolar, podem ser trabalhadas nos dois momentos, momento de prazer e momento de introduzir conteúdo. O professor não precisa seguir fielmente apenas uma proposta, como se fosse uma receita pronta para se trabalhar com histórias, mas fazer desses momentos oportunidades de um trabalho significativo para os seus alunos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. 5ª edição. São Paulo. Scipione, 1995.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores**. [et al.]; Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- ARIÈS, Philippe. **A história Social da Criança e da Família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988. **Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009**.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CANTON, Katia. **O Conto de Fadas, da Tradição Oral à Dança Contemporânea**. Editora Ática S. A.; São Paulo; 1994.
- CASTRO, Eline. A importância da leitura infantil para o desenvolvimento. **Disponível em:** <http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm>. Acesso em: 03 junho 2015
- COELHO, Betty. **Contar Histórias uma arte sem idade**. São Paulo. Ática Ed. 10ª, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed; São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fada**. São Paulo: Ática, 1991.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Infância & Educação – Era uma vez – quer que conte outra vez?** / Sandra Mara Corazza. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- COSTA. Marisa V. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa V. et al. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999
- DOHME, Vania D'Angelo. **Técnica de Contar Histórias, 2: um guia para os adultos usarem as histórias como um meio de comunicação e transmissão de valores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FERREIRA, C. Fernanda; PRETTO, Valdir. **A Importância da Utilização da Literatura Infantil para o Desenvolvimento Cognitivo e Afetivo da Criança.** UNIFRA, 2012. v. 1. p. 1-7.

FONSECA, Edi. **Interações com olhos de ler**, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor de Educação Infantil. 1ª reimpressão – 2013. São Paulo. Editora Edgard Blucher Ltda, 2012.

FORTUNATI, Aldo. **A educação infantil como projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família: a experiência de San Miniato** / Aldo Fortunati; tradução Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIORDANO, Alessandra. **A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas.** Constr. psicopedag., São Paulo , v. 21, n. 22, 2013 .

GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão; FACINCANI, Eliane Fernandes. **Literatura infantil e escola: algumas considerações.** In: 16º COLE - Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2007. v. 1. p. 1-17.

GIL, Antonio C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo. Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para Crianças para conhecer a literatura infantil: histórias, autores e textos.** 3 ed. São Paulo: Global Universitária, 1988.

LEIRIA, Elisandra Lorenzoni. **A Escolarização da Leitura no Brasil: uma visão histórica.** 2013.

MITTMANN, Edinei Rodrigues. **A contação de histórias na Educação Infantil.** 2010.

NICOLIELO, Bruna. **Beabá do Brasil.** Educar para crescer. Boletim da educação. 2009.

PAÇO, Gláucia Machado de Aguiar. **O encanto da literatura infantil no CEMEI Carmem Montes Paixão.** Rio de Janeiro, 2009.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil: voz de criança.** 3ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam.** Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **Filosofia e história da educação**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

POSTMAN, Neil; **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** Londrina, Paraná; 2011.

SCHNEID, Jucelma. **Hora do Conto: uma experiência maravilhosa**. 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Ivone Ribeiro da. **A contação de histórias e a sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem**. Maringá. 2011.

SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. Ed. Ver. e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

TEBEROSKI, Ana; **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista** / Ana Teberoski e Teresa Colomer; trad. Ana Maria Neto Machado – Porto Alegre: Artmed, 2003.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Lisboa: Instituto Piaget, 1988.

VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. **A Maquinaria escolar**. *Teoria & Educação*. São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global Ed., 4.^a ed. 1985.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento dos alunos

<p style="text-align: center;">Centro Universitário UNIVATES Curso de Pedagogia Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso Pesquisadora: Marluci Bioeu dos Santos Orientadora: Ms. Danise Vivian</p>

MEU CONSENTIMENTO PARA PESQUISA

Eu _____ aceito participar do trabalho de pesquisa “Hora do Conto: momento de prazer ou de introduzir conteúdo?”, da estudante de Pedagogia Marluci Bioeu dos Santos, do Centro Universitário UNIVATES que será sobre as práticas da hora do conto, no contexto escolar. Ficou combinado que nossas conversas serão gravadas e que a pesquisadora irá nos entrevistar individualmente. Sei que toda pesquisa será apenas para trabalhos acadêmicos e que meu nome não será divulgado.

Assinatura do Responsável

Pesquisadora Marluci Bioeu dos Santos

Que nome gostaria de usar para essa pesquisa? _____

APÊNDICE B – Termo de consentimento dos pais/responsáveis

<p>Centro Universitário UNIVATES</p> <p>Curso de Pedagogia</p> <p>Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso</p> <p>Pesquisadora: Marluci Bioeu dos Santos</p> <p>Orientadora: Ms. Danise Vivian</p>

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A presente pesquisa, intitulada “Hora do Conto: momento de prazer ou de introduzir conteúdo?” têm como objetivo principal compreender e analisar quais são as representações (percepções) que os professores e os alunos têm sobre a prática da Hora do Conto, no contexto escolar. Os dados serão gerados a partir de observações de aula, entrevistas com os alunos da turma de pré-escolar e questionários com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola XXXXXXXXXXXX. Estes dados serão utilizados para produção do Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Pedagogia, da UNIVATES, pela acadêmica Marluci Bioeu dos Santos, orientado pela professora Ms. Danise Vivian. Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo meu/minha filha(o) _____ a participar dessa pesquisa.

Ficaram claros para mim, os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de esclarecimentos permanentes.

Lajeado, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do responsável

Pesquisadora Marluci Bioeu dos Santos

APÊNDICE C – Termo de consentimento da professora titular

<p style="text-align: center;">Centro Universitário UNIVATES</p> <p style="text-align: center;">Curso de Pedagogia</p> <p style="text-align: center;">Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso</p> <p style="text-align: center;">Pesquisadora: Marluci Bioeu dos Santos</p> <p style="text-align: center;">Orientadora: Ms. Danise Vivian</p>

Termo de consentimento informado para a professora da escola.

Eu, Marluci Bioeu dos Santos, aluna do Curso de Pedagogia no Centro Universitário-UNIVATES, venho por meio deste solicitar a sua participação na pesquisa por mim realizada, sob a orientação da professora Dra. Danise Vivian.

Esta pesquisa trata-se de um Trabalho de Conclusão, que tem por objetivo compreender e analisar quais são as representações (percepções) que os professores e os alunos têm sobre a prática da hora do conto, no contexto escolar.

Para tanto, a coleta de dados consistirá na realização de entrevista semiestruturada, observação e questionários.

O material obtido será de uso exclusivo da pesquisadora. Após a realização da pesquisa este material ficará guardado em lugar seguro. Em nenhuma hipótese será identificada a autoria das informações obtidas, se assim preferir.

Se caso desejar poderá ser utilizado um nome fictício de sua preferência para situá-lo(a) como participante da pesquisa.

Este termo será lido por você, participante da pesquisa e esclarecido por mim, pesquisadora, em caso de dúvidas, antes da entrevista. Este termo será emitido e assinado em duas vias, sendo que uma via permanecerá com você participante, e a outra com a pesquisadora.

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo minha participação nesse projeto de pesquisa, pois fui informado(a) de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, da justificativa, dos procedimentos que serão realizados para a coleta das informações, todos acima mencionados.

Data: ___/___/_____

Assinatura do entrevistado (a): _____

RG do entrevistado (a): _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE D – Termo de consentimento para a direção da escola.

<p style="text-align: center;">Centro Universitário UNIVATES</p> <p style="text-align: center;">Curso de Pedagogia</p> <p style="text-align: center;">Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso</p> <p style="text-align: center;">Pesquisadora: Marluci Bioeu dos Santos</p> <p style="text-align: center;">Orientadora: Ms. Danise Vivian</p>

CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Sra. Prof^a.. Diretora Carla Daroit

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada provisoriamente de “Hora do Conto: momento de prazer ou de introduzir conteúdos?” a ser realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo, pela graduanda Marluci Bioeu dos Santos, sob orientação da Professora Dra. Danise Vivian, com o seguinte objetivo: compreender e analisar quais são as representações (percepções) que os professores e os alunos têm sobre a prática da hora do conto, no contexto escolar. A coleta de dados para esta pesquisa se dará através de: observações realizadas em sala de aula, entrevistas com alunos e professor observado e questionário para os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Asseguramos que o nome da escola bem como a identidade dos entrevistados serão preservados, desde que assim o desejarem. Ressaltamos que

os procedimentos da pesquisa atentam as normas éticas vigentes, e os estudos produzidos em decorrência serão utilizados somente para a divulgação científica e a produção de material para formação de professores. O graduando responsável pelo desenvolvimento da pesquisa, responsabilizou-se pela restituição sistemática das análises realizadas, com o objetivo que elas sirvam de material para futura formação dos professores da instituição.

Lajeado/RS, _____ de _____ de _____.

Marluci Bioeu dos Santos
Graduando do Curso de Pedagogia

Danise Vivian
Orientadora

APÊNDICE E – Questionário para as professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

<p style="text-align: center;">Centro Universitário UNIVATES</p> <p style="text-align: center;">Curso de Pedagogia</p> <p style="text-align: center;">Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso</p> <p style="text-align: center;">Pesquisadora: Marlucci Bioeu dos Santos</p> <p style="text-align: center;">Orientadora: Ms. Danise Vivian</p>
--

Formação:

Idade:

Turma que leciona:

Quanto tempo está na Porto Novo:

Há quanto tempo trabalha com crianças:

1) Você costuma trabalhar com histórias no processo de escolarização?

() SIM

() NÃO

Por quê?

2) Antes de contar a história você realiza alguma preparação para este momento?

() SIM

() NÃO

Por quê?

- 3) Você leva em consideração os interesses das crianças na escolha das histórias a serem contadas?

() SIM

() NÃO

Por quê?

- 4) Você costuma incentivar seus alunos a escutarem histórias pelo simples prazer de ouvi-las?

() SIM

() NÃO

Por quê?

- 5) Você costuma trabalhar com hora do conto na sua sala de aula?

() SIM

() NÃO

Por quê?

- 6) Os professores costumam trabalhar as práticas da hora do conto nas escolas?

() SIM

() NÃO

Por quê?

- 7) Você costuma utilizar livros/histórias de literatura clássica infantil?

()SIM

()NÃO

Quais autores? Por quê?

Muito Obrigada!

Marluci Bioeu dos Santos